

(re)performances, filmes e conversas

30 out 2023 – 04 fev 2024

dança

Ana Borralho & João Galante
António Olaio
Vânia Rovisco
Bojana Cvejić
Cláudia Dias
Diana Niepce
Francis Graça
Cristina Graça
Gaya de Medeiros e Ary Zara
Hélia Marçal
Isabel de Naverán
Joanna Grudzinska
João Fiadeiro
Luís Guerra
Marco Martins
Marlene Monteiro Freitas
Marta Popivoda
Miguel Pereira
Norman Dixon
André Cabral
Olga Roriz
Paula Massano
Margarida Bettencourt
Ana Rita Palmeirim
Carlos Zíngaro
Paulo Graça
Nuno Carinhas
Sofia Neuparth
Vera Mantero
Companhia Nacional
de Bailado
Escola de Dança
do Conservatório Nacional
Escola Superior de Dança
Escola Superior
de Teatro e Cinema

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

não

dança

arqueologias da nova dança em Portugal

GULBENKIAN.PT

Entrada livre

«Quem não dança não sabe o que passa.»
Hino gnóstico do sec. II

“Que fique bem claro: não estamos perante algo que ainda está para acontecer. Estamos é perante algo que já está a acontecer, ou melhor: estamos perante algo que não pára de acontecer, de passar e (re-)passar por aqui. É face a esse passado passante que gostaríamos de nos situar, nós os passantes, encontrar aí o nosso lugar ou a nossa passagem, a nossa maneira de passar, à boa distância e à boa proximidade.” PAULA CASPÃO, 2009

O primeiro eixo do programa *dança não dança* organiza-se pela apresentação justaposta, ao vivo, de obras coreográficas extemporâneas, propondo relações que reconfiguram o que entre elas há de proximidade e distância. Em cada sessão é apresentada uma obra, um par, ou um conjunto de obras de tempos distintos, percorrendo-se, em dez sessões, o século XX.

A maioria destas obras não se encontra em circulação e a sua apresentação depende de um novo processo de transmissão ou de um trabalho de investigação original baseado em material documental escasso (alguns minutos de uma gravação do Noticiário Nacional, uma filmagem, algumas fotografias, testemunhos, memórias...). Cada performance é seguida de uma conversa sobre a obra e os problemas que a sua reperformance ou transmissão levantam. A passagem em sala de três filmes, inteiramente construídos com imagens de arquivo, e uma conferência internacional ampliam as possibilidades de leitura do século XX trazidas pelas performances.

Envolvendo as principais instituições encarregadas da transmissão de dança no país, o programa opera por deslocação. Transmitir o quê, como, e a quem? Como se transmite a dança e o movimento? Como permanece o que é percebido, e mesmo catalogado, como intangível e imaterial? De que forma se mantém (ou não) um repertório, ou o conhecimento do passado em artes performativas em geral, e em dança, em particular? De que modo a sua suposta efemeridade contribui para uma iliteracia em relação à dança como forma específica de arte?

Atravessar o século oferece uma visão de conjunto onde cabem perspectivas e relações muitas vezes ignoradas, não reconhecidas e não afirmadas. O antes e o depois deixam de fazer sentido como categorias próprias de uma linearidade temporal, para darem lugar a um tempo que não passa, antes fica, repetindo-se com variação. Associar uma obra coreográfica a outra é, assim, por via das danças e das corporalidades, invocar tempos históricos distintos, confundindo-os e baralhando a própria história, para que se (re)abra.

ALEXANDRE MELO

SERÁ QUE os portugueses têm corpo? A pergunta começa por parecer absurda, mas corre o risco de se tornar inquietante à medida que se acumulam os indícios de que a resposta é negativa: os portugueses não têm corpo.

Tópico de observação corrente — apesar da desestabilização trazida pela televisão privada — é o modo como os discursos maioritários abordam ou, para ser exacto, não abordam a sexualidade e, sobretudo, as questões de diferenciação, discriminação e repressão sexual que constituem a sua dimensão polémica. Pode-se defender que, em termos culturais, a suave omissão destes temas, inefável componente dos nossos brandos costumes, se traduz numa acrescida margem de manobra ou mesmo de tolerância implícita em relação às práticas, e, nessa medida, constitui um ganho civilizacional que nos poupa ao desgaste de tomadas de posição arrebatadas e a confrontos tendencialmente hysterizados. Mas uma tal peculiaridade não está isenta de riscos.

O sistema de tolerância implícita por omissão corre o risco de, sempre que se tornam publicamente notórios casos polémicos, se verem emergir do fundo dos tempos posições fundadas no mais brutal obscurantismo e no mais convicto desprezo pela liberdade alheia. Veja-se o desprante com que responsáveis políticos ou técnicos especializados — há tempos foi o juiz da «coutada do macho lusitano», agora foi o psiquiatra da Carris — promovem a discriminação sexual segundo a melhor tradição do humor boçal.

Veja-se a extraordinária descontração com que as autoridades oficiais dão sistematicamente a entender que em relação à sida «ainda» não há motivo para alarme, como quem está (e estão mesmo) à espera de que haja de facto ainda mais motivo de alarme para finalmente desencadear campanhas eficazes de prevenção. Pois não foi a principal responsável oficial nesta matéria que, na televisão, como forma de prevenção da sida, aconselhou os jovens a começar a vida sexual mais tarde? Já agora, leve-se o raciocínio às últimas consequências e aconselhe-se os cidadãos a

não comecem nunca a vida sexual ou a acabarem rapidamente com ela. Isto é, a fazerem como se não tivessem corpo. As autoridades parecem querer, assim, secundar a criminosa campanha de boicote à prevenção da sida promovida pela Igreja Católica, que mais uma vez aproveita uma situação dramática para inculcar a sua propaganda repressiva — a operação atingiu o extremo mais caricatural no caso



luptuosas, mas à custa de um déficit de sentido e de debate cívicos, que se torna particularmente chocante quando comparado com a densidade das correspondentes discussões além-fronteiras.

A hipótese de que os portugueses não têm corpo também poderia facilmente encontrar ilustração histórico-cultural. Uma preciosa colecção de corpos de exílio. Pense-se no corpo perdido de D. Sebastião, perdido ainda antes de se perder, à justa medida de um lugar de eleição no imaginário nacional. Veja-se Manoel de Oliveira, o cineasta das paixões impossíveis, ou, mais exactamente, da paixão como impossibilidade da relação entre corpos, e o seu extraordinário trabalho em *Non, ou a Vã Glória de Mandar* para tentar dar corpo, através da apoteose sacrificial dos corpos martirizados, a toda a dimensão negativa e derrotista do legado histórico nacional. Um corpo sacrificado, exílio

novos coreógrafos-intérpretes portugueses com um maior reconhecimento público.

Perhaps She Could Dance First and Think Afterwards é o título de um solo de Vera Mantero e pode ser lido como uma declaração programática. Tratar-se-ia de reivindicar, afirmar e tomar como ponto de partida o corpo e os seus movimentos, como possibilidade e necessidade de um modo específico de produção de sentidos. Aquilo que se passa com o corpo. Aquilo que o corpo dá. Antes de tudo o resto. Isto é, numa instância ideal de absoluta anterioridade em relação ao pensamento e ao discurso.

Em conformidade com este programa este trabalho prescinde de qualquer enquadramento narrativo ou temático exterior à própria dança. Os elementos de cenografia resumem-se a uma delimitação do território através de quatro «colunas» de arame enfiado que sus-

tem *Um Rei* num excelente Almeida, que *das Flores*, o repressão do trabalho de re dramática que das peças. Ac contexto refer narrativo, clar plenamente vi títulos, do adn de Carlota L parte plena ir dança, e dos c que constituir No caso de existe uma per D. Manuel II, digma do que to de uma traje tural nacional, Um corpo que da composição

Os Bailados Russos em Lisboa

Portuguez, atenção!

É a ti-proprio que nos dirigimos. Vimos propôr-te a tua liberdade! Escuta:

Conhecêmos-te bem. Não só pensamos em ti como até te estudamos quotidianamente.

Sabemos bem o extraordinario valor das tuas energias expontaneas mas tambem sabemos como as desperdiças inutilmente.

Quando gastas as noites no alcool ou no mal-estar d'essa tua ignorancia, ou n'essa horrivel hesitação da tua juventude bráva ha alguém que pensa em ti, alguém que trabalha para descobrir o methodo de te fazer independente, alguém que não acamaradando contigo n'esse teu lyrismo natural e leigo, prometeu a si-proprio salvar-te. Esse alguém sómos Nós!

Sabemos bem a bella brutalidade da nossa missão Pezámos bem esse quasi-impossivel de fazer de ti um Europeu e, apesar d'isto, resolvemos inspirados na revelação das Nossas Juventudes, entregar-te nas tuas mãos o methodo para, por ti-proprio, ganhares a tua liberdade.

Que maior heroísmo haverá por ahi em todo o Mundo do que este de rializar esse quasi-impossivel?

Que melhor victoria poderemos querer do que este Orgulho em que teimamos para te fazer igual a Nós?

Que melhor estímulo de combate precisamos Nós do que esta Nossa Divina Comprehensão de Europa?

E jurámos salvar-te ainda que o tivéssemos de fazer contra tua vontade!

E gritámos: Viva a Nossa guerra! Viva a Nossa guerra contra ti!!

Talvez que tu, portuguez, ainda nunca tivéesses reflectido que as Nossas Consciencias disciplinadas e independentes estão consecutivamente em guerra contra ti!

Não é a primeira vez que te falámos pessoalmente; nem é por vergonha de que nos vejam conversando contigo que não nos dirigimos a ti sempre que te encontrámos, mas é porque quando te vemos nem sem-

pre vens na mesma direcção que Nós. Hoje p occasião de te falarmos. Escuta: OS BAILADOS SOS estão em Lisboa! Isto quer dizer: Uma de bellas étapes da civilização da Europa moderna nossa terra!

A ti não te educaram, razão porque não ex ti o sentido de consequencia e de dedução que riam o teu espirito para a disciplina das novas se dades; porém, OS BAILADOS RUSSOS disper de qualquer preparação litteraria ou artistica par prehenderes facilmente a sua grande missão edi explicativa dos aspectos geraes e syntheticos d timentos.

Nos BAILADOS RUSSOS os aspectos suce nitidos, sublinhados a oiro e a intelligencia e p dos de maneira que o entusiasmo contido na cia d'esses sentimentos seja communicativo em sua extensão e intensidade.

O maravilhoso dos BAILADOS RUSSOS é tuido pela serie completa d'estes aspectos gerae

... A animalidade, a virilidade, o expontaneo, o infan sitante, o ingenuo, o sentimental, o abstracto, o concreto, o o util, o intelligente, o synthetico, o completo.

... A morbidez, a volupia, o vicio, a virtude, a força, cia, o heroísmo, a razão, o valor, o dever, a disciplina, a v dominio

... O amor, o odio, o idial, a paixão, a obseção, o ciu bardia, a perfidia, a intelligencia, o artificio, a sedução, a dade, a sagacidade, a tenacidade, a intuição, a consciencia ção, o cinico

... A elegancia, o refinement, o luxo, o gesto, a rythmi a proporção, o sumptuoso, o grande, o megalmano, o be verosimil, o fantastico, o solemne, o religioso, o puro, o fi a invençã

Os BAILADOS RUSSOS são a melhor ex de Arte que hoje te podemos aconselhar porq explicar-te-hão a Sublime Simplicidade da Vida e Portuguez, vives ignorantemente crucificado.

Os BAILADOS RUSSOS teem uma compr feliz da Arte moderna. A Arte de hoje não ten

O artigo “Os Portugueses não têm corpo” (1993) foi escrito por Alexandre Melo após ter assistido a *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois* (1991), de Vera Mantero, e a *Nossa Senhora das Flores* (1993), de Francisco Camacho. A emergência inusitada do corpo — presente, sexualizado, carnal — na obra destes artistas, leva-o a interrogar se os portugueses “teriam um corpo”, dada a sua ausência “nos discursos dominantes da sociedade portuguesa”.

A obra de Vera Mantero, revisitada pela Companhia Nacional de Bailado, constitui um dos raros momentos de cruzamento entre os protagonistas da Nova Dança Portuguesa e esta companhia. No contexto de *dança não dança*, esta obra — um solo fortemente baseado na improvisação — é dançada por Paulina Santos, bailarina solista da CNB, a quem Vera Mantero a transmite. No âmbito do mesmo programa, desafiou-se Luís Guerra a visitar a obra coreográfica de Almada Negreiros com uma criação original.

Procurando articular modernidade e corporalidade a propósito da emergência da Nova Dança Portuguesa e do nervosismo da história, que nestas danças se faz tão visível, André Lepecki (2001) remonta a Almada Negreiros e ao manifesto “Os Bailados Russos em Lisboa”, publicado em 1917 no número único da revista *Portugal Futurista*.

Nele se encontra expressa a vontade de transformar o corpo português, visto como anacrónico, num corpo europeu moderno. Este manifesto é importante na medida em que articula abertamente o “desejo político-metamórfico” que a modernidade implica, insistindo na necessária “reconfiguração da experiência da corporalidade dos sujeitos” em qualquer transformação social e histórica.

As apresentações da companhia de Sergei Diaghilev em Lisboa no auge da Primeira Guerra Mundial, em plena Revolução de Sidónio Pais e em plena Revolução Russa, serviriam de inspiração a uma série de peças — *O Bailado do Encantamento*, *A Princesa dos Sapatos de Ferro* e *O Jardim da Pierrette* — em que Almada Negreiros se afirma como coreógrafo e bailarino. No entanto, a desejada transformação geral por via de uma autoaprendizagem que Almada preconiza em “Os Bailados Russos em Lisboa” só terá lugar, eventualmente, nas décadas de 1980 e 1990, o que não significa que tenham cumprido a utopia do modernismo dos anos 1910. Importa lembrar que a modernidade é uma cinética: está-se sempre atrasado em relação a mais modernidade.


APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA *DANÇA NÃO DANÇA*

Ana Bigotte Vieira,
Ana Dinger e Carlos Manuel Oliveira

ALMADA NEGREIROS, O BAILARINO

de Luís Guerra

60 min M/6 ESTREIA ABSOLUTA

* com interpretação em Língua Gestual Portuguesa 

Almada Negreiros, o bailarino é uma viagem coreográfica, concebida e interpretada por Luís Guerra, e apresentada como uma espécie de jogo fantasioso onde se brinca sem pudor com elementos mais ou menos verídicos da vida daquele que foi um dos artistas mais marcantes da arte moderna em Portugal: Almada Negreiros.

Tendo como ponto de partida São Tomé e Príncipe, onde este nasceu, Luís Guerra pretendeu criar uma partitura que incluísse vários aspetos da vida do artista, incidindo na sua provável gestualidade e expressão física, e imaginando, simultaneamente, o ritmo e a cadência do seu processo mental e interior.

Ao longo de uma hora de convocação, espera-se que, através do corpo de Luís Guerra, possa Almada Negreiros, o bailarino, comparecer, dando-se a ver, mesmo que por um instante ou de raspão, ao público.

CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA DANÇA, TEXTO E CINCO PINTURAS

ANTROPOMÓRFICAS: Luís Guerra

VOZ CONVIDADA: Kátia da Conceição Neto

MÁSCARAS: Artesãos da Roça Agostinho Neto

TECIDO: Gisela

COLETE: Carol Carvalho (bordado) e D. Luzia (confeção)

OITO PINTURAS MANUSEADAS: Carla Santos

MÚSICA: Ruy Coelho e Claude Debussy

APOIO TÉCNICO E DESENHO DE LUZ: Anatol Waschke

INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA: Hands Voice

ENCOMENDA E PRODUÇÃO: dança não dança / Fundação Calouste Gulbenkian

LUÍS GUERRA (1985, Lisboa) é um artista português que se expressa através da dança, da pintura e da escrita. Estudou dança no Conservatório Nacional, coreografia na Fundação Gulbenkian, massagem no Instituto de Medicina Tradicional e pintura e desenho na Ar.Co, onde atualmente frequenta o curso avançado de artes visuais. Trabalha regularmente com outros criadores enquanto intérprete.



Luís Guerra © Manuel Guerra.



Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois, de Vera Mantero, 1991 © José Fábão, O Rumo do Fumo.

TALVEZ ELA PUDESSE DANÇAR PRIMEIRO E PENSAR DEPOIS

de Vera Mantero

pela Companhia Nacional de Bailado

20 min M/6 TRANSMISSÃO

Criado em 1991 para a Europália, festival onde a Nova Dança Portuguesa se consagrou internacionalmente, este solo é uma obra central no percurso coreográfico de Vera Mantero, com quase três décadas e ainda em circulação.

Em *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois* a artista encontrou parte da sua identidade coreográfica, vocabulário de movimento, forma de estar em cena, instrumentos e elementos com que cria e atua: um corpo que não descarta os gestos, as mãos, o rosto, as expressões; que os inclui porque reconhece estes elementos como parte de um corpo-gente que tenta constantemente agarrar o que o atravessa, expondo-o com as respostas de um corpo vibrátil, que embate contra o tempo-cadência e brinca com ele(s) como uma criança com berlindes. Enquanto improvisação, possibilitou-lhe minúcias, velocidades e liberdades que uma dança coreografada não permitiria.

CONCEÇÃO: Vera Mantero

INTERPRETAÇÃO: Paulina Santos / Companhia Nacional de Bailado

CENOGRAFIA: André Lepecki

DESENHO DE LUZ: João Paulo Xavier

MÚSICA: *Ruby, My Dear* de Thelonious Monk

FIGURINO: Vera Mantero

PRODUÇÃO: O Rumo do Fumo

Uma encomenda do Festival Klapstuk 91 no âmbito da Europália Portugal 91

VERA MANTERO (1966, Lisboa) estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Tornou-se um dos nomes centrais da Nova Dança Portuguesa, tendo iniciado a sua carreira coreográfica em 1987 e mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Américas e Ásia. Foram-lhe atribuídos inúmeros prémios e distinções pelo seu trabalho artístico ao longo dos anos.

PAULINA SANTOS (1973, Bragança) estudou dança clássica na Academia de Bailado do Porto. Ingressou na Companhia Nacional de Bailado em 1990 sob a direção de Armando Jorge e, em 2004, sob a direção de Marc Jonkers, ascendeu a bailarina solista. Trabalhou ainda com a Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo de Vasco Wellenkamp, com a Companhia Rosas de Anne Teresa de Keersmaecker e com a Companhia Olga Roriz.

Luís Guerra, Vera Mantero,
Paulina Santos

moderação de Alexandre Melo

30 out 2023

30 out 2023

DANÇAS LIVRES

Nesta sessão, traça-se um arco de mais de cem anos, ao visitar as primeiras décadas do século XX e ao frequentar, no presente, passados mais ou menos recentes. O convite endereçado a Sofia Neuparth para trabalhar com a Escola de Dança do Conservatório Nacional foi no sentido de proporcionar a jovens alunos a possibilidade de acederem a uma experiência de liberdade na dança, pelo atravessamento de práticas ligadas ou inspiradas pela eurytmia e danças livres do início do século, em particular a rítmica *dalcrozeana* (cuja introdução em Portugal, nos anos 1930, se deve grandemente à ação de mulheres como Cecil Kitkat, Sosso Doukas-Schau e Margarida de Abreu).

A disseminação de nus artísticos, nesse mesmo início de século, serviu de mote a um outro convite, dirigido a artistas que recorrem ao nu no seu trabalho coreográfico. Ana Borralho e João Galante foram desafiados a transmitir uma das suas criações, e Gaya de Medeiros e Ary Zara a propor uma nova. De que forma os nus de hoje ecoam os do início do século? O que pode ser, hoje, uma dança livre?



Ruth Aswin em nu artístico para o número "Boleto" num espetáculo de Ilda Stichini, 1934. Autor desconhecido. Cortesia do Centro de Dança de Oeiras.

Sofia Neuparth, 2023 © Sofia Neuparth



Danças livres no Teatro S. Luiz, s/ data. Autor desconhecido © Arquivo Municipal de Lisboa | ANI000226.

PERFORMANCE ZONA DE CONGRESSOS 15:00 e 16:30

CORAÇÃO-MÃO

de Sofia Neuparth
com a Escola de Dança do
Conservatório Nacional

30 min M/6 ESTREIA ABSOLUTA

“A partir do convite para trazer a *Dança Livre* do princípio do século XX em Portugal ao encontro de um conjunto de bailarines do 1.º/2.º ano da Escola de Dança do Conservatório Nacional, lancei-me numa viagem em torno do aparecer da expressão de corpos diversos que o final do século XIX/início do século XX *destapou* no mundo ocidental, mergulhei na complexidade rítmica e melódica que Dalcroze convidou a fisicalizar, e abri-abrimos, lado-a-lado, o sabor da Liberdade na Dança, a sensação do movimento que aparece no entre-corpos e a música que teima em povoar os imaginários de cada umaum. Foi assim nascendo coração-mão... que continue nascendo esse amor.”

SOFIA NEUPARTH

BAILARINES: Catarina P. Oliveira, Francisco J. Gonçalves, Júlia R. Luis, Leonor M. Medeiros, Lianda Barata, Pilar Noivo, Rafael Simões, Rodrigo Anes, Rodrigo Aparício da Cruz, Rosa Cruz, Daniel Barreto, Guadalupe Miranda, José Jonas Luz, Yasmin Rosa da Silva, Leonor Reis, Mafalda Duarte, Mafalda Dias, Margarida Rocha, M. Frederica Freitas, Matilde N. Castro, Rita Carmo, Salomé M. Wochenmarkt, Samara Daniel, Slava Boncheva, Isadora Dantas

ACOMPANHAMENTO: Luisa Vendrell, Sofia d'Orey Santiago, Margarida Agostinho, Paula Petreca

IMAGEM: Olga Miranda

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Sofia Neuparth

APOIO: c.e.m. – centro em movimento

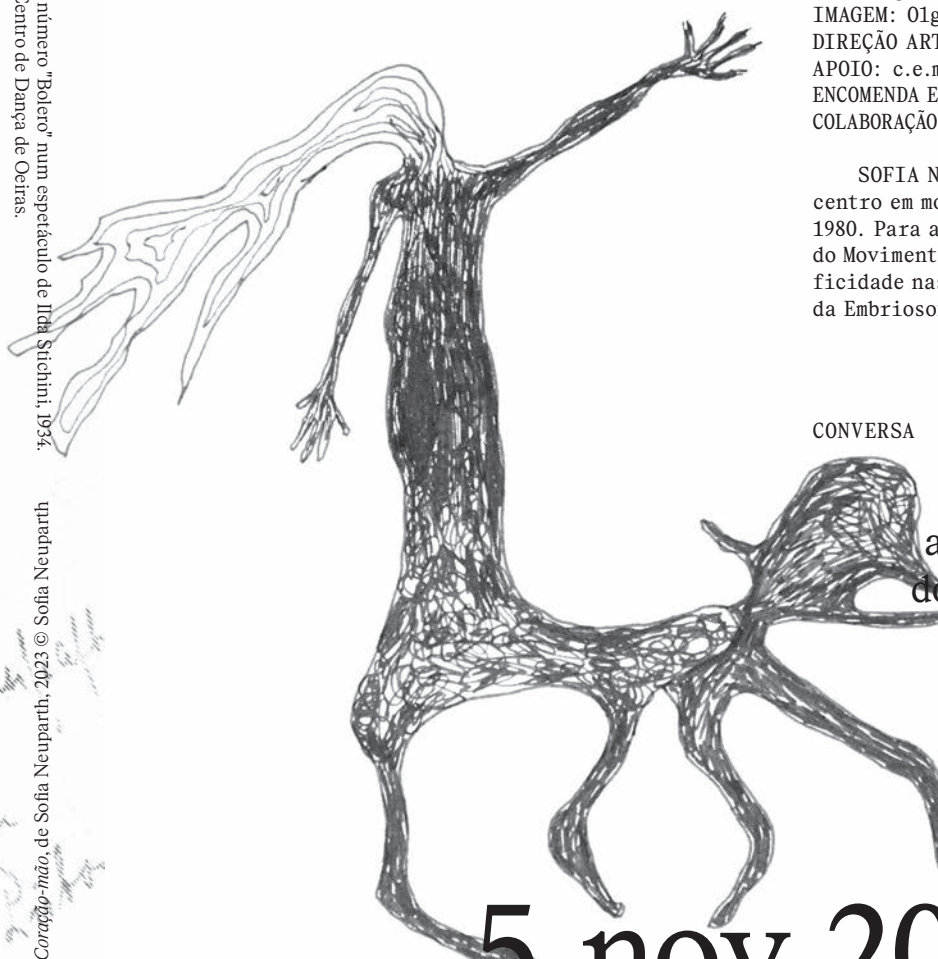
ENCOMENDA E PRODUÇÃO: dança não dança / Fundação Calouste Gulbenkian

COLABORAÇÃO INSTITUCIONAL: Escola de Dança do Conservatório Nacional

SOFIA NEUPARTH (1962, Lisboa) é diretora do c.e.m. – centro em movimento, organismo que cocriou no final dos anos 1980. Para além de criadora e investigadora nos Estudos do Corpo, do Movimento e do Comum, é também professora de dança com especificidade nas áreas de estudo do Nascer do Gesto (Dança/Fala), da Embriofilia e dos Transpamentos.

CONVERSA ESCADARIA PRINCIPAL 15:30

Sofia Neuparth,
alunos da Escola de Dança
do Conservatório Nacional,
Ana Paz
moderação de Ana Dinger



5 nov 2023

5 nov 2023

la force liqpa
Ruth de vi
1934
Coração-mão, de Sofia Neuparth

NO BODY NEVER MIND, 002

de Ana Borralho & João Galante

60 min M/12 TRANSMISSÃO
* espetáculo com nudez integral

“*No body never mind, 002*, estreado em 2005, faz parte do projeto *no body never mind*, que consiste em três peças e aborda os temas corpo/mente, exterior/interior, emoção/sentimento, eu/o outro. Durante toda a performance, duas pessoas nuas lambem os seus corpos de forma a colar-lhes folhas de ouro. Esta é uma forma de imortalizar um corpo que morrerá. Dado que a saliva não é a melhor cola para as folhas de ouro, estas irão cair constantemente ao fim de algum tempo, sendo este trabalho infinito e absurdo. Quase como uma fita de Möbius, *No body never mind, 002* inspira-se na tradição de colar folhas de ouro nas estátuas de Buda nos países asiáticos.”

ANA BORRALHO & JOÃO GALANTE

CONCEITO, LUZ E SOM: Ana Borralho & João Galante
INTÉRPRETES: Ary Zara e Izabel Nejur
COLABORAÇÃO ARTÍSTICA: Fernando J. Ribeiro
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Andrea Sozzi
PRODUÇÃO EXECUTIVA: Joana Duarte e Maria João Malheiro
DIREÇÃO EXECUTIVA: Mónica Samões
APOIO À ADMINISTRAÇÃO: Teresa Serra Nunes
COMUNICAÇÃO: this is ground control
PRODUÇÃO: casaBranca – Associação Cultural

ANA BORRALHO (1972, Lagos) & JOÃO GALANTE (1968, Luanda) trabalham juntos em projetos próprios de performance, dança, instalação, fotografia, som e videoarte, que apresentam por todo o mundo. Cofundaram a banda de não-músicos Jimmie Durham e a associação cultural Casa Branca. Foram cocuradores do festival de música eletrónica Electrolejos (Lagos) e dirigem o festival Verão Azul (Lagos e Loulé).

ARY ZARA (1986, Lisboa) é artista multidisciplinar trans não binário. Estreou a sua primeira curta no Indie Lisboa 2022, *An Avocado Pit*, e foi premiado em festivais como o BFI, AFI Fest, Clermont-Ferrand, e outros. É diretor criativo do Queer Art Lab – plataforma que apoia artistas LGBTQI+ e a comunidade. É ativista, atuando a solo e com Isaac dos Santos em *T Guys Cuddle Too*. Mais recentemente, integrou a plataforma BRABA como performer.

IZABEL NEJUR (1981, Rio Branco – Acre, Brasil) viaja do Brasil para Portugal em 2018. Performer, usa a sua fluidez como a principal ferramenta na sua multidisciplinaridade. A inquietação é motor para criar, e a intuição sabedoria para inovar. Tem feito trabalhos dentro do cinema, da dança, da performance, da escrita e ainda videoarte DIY. Tem licenciatura em jornalismo e pós-graduação em cinema e dança.

5 nov 2023

A BOCA DO ATLAS

de Gaya de Medeiros e Ary Zara

45 min M/12 ESTREIA ABSOLUTA
* espetáculo com nudez integral

“Arquivos pessoais, da dança e do nu artístico, cruzando-se nos corpos de duas pessoas trans. A performance é um estudo que pensa a nudez e, por vezes, a sua relação social de antagonismo na subjetivação das corpos. Chacoalhar os arquétipos por dentro e criar tensionamentos subtis entre o cotidiano e a história, o público e o privado, o erotismo e a política. E se eu pudesse entrar na sua vida (sem roupas)?” ARY ZARA E GAYA DE MEDEIROS

Com sessão aberta de desenho ao vivo – CORPAÇAS –
dinamizada por Queer Art Lab e Lisbon Drawing Club.

CRIAÇÃO: Ary Zara e Gaya de Medeiros
GESTÃO: Irreal
ENCOMENDA E PRODUÇÃO: dança não dança / Fundação Calouste Gulbenkian

ARY ZARA (1986, Lisboa) é artista multidisciplinar trans não binário. Estreou a sua primeira curta no Indie Lisboa 2022, *An Avocado Pit*, e foi premiado em festivais como o BFI, AFI Fest, Clermont-Ferrand, e outros. É diretor criativo do Queer Art Lab – plataforma que apoia artistas LGBTQI+ e a comunidade. É ativista, atuando a solo e com Isaac dos Santos em *T Guys Cuddle Too*. Mais recentemente, integrou a plataforma BRABA como performer.

GAYA DE MEDEIROS (1990, Belo Horizonte) é artista multidisciplinar e produtora. Durante nove anos, foi bailarina da Companhia de Dança do Palácio das Artes (BR). Em Portugal, colaborou com diversos criadores da dança, performance e do teatro. Encenou dois espetáculos, *BaQue* e *Atlas da Boca*, que foi eleito um dos melhores de 2021 pelo Jornal Expresso. Fundou a BRABA.plataforma, que visa apoiar, viabilizar e financiar iniciativas da comunidade trans.

Ana Borralho & João Galante,
Gaya de Medeiros, Ary Zara,
Izabel Nejur

moderação de João Manuel Oliveira



No body never mind, de Ana Borralho & João Galante, 2005 © Ana Borralho & João Galante.



A boca do Atlas, de Gaya de Medeiros e Ary Zara © Mário Bettencourt, BRABA Plataforma.

5 nov 2023

ESCOLA-REVOLUÇÃO



Révolution École 1918-1939, de Joanna Grudzinska, 2016
© Les Films du Poisson.

O modo como no período entre guerras — e para que não se voltasse a combater — uma série de práticas pedagógicas procurou, pelo treino do corpo em liberdade, que o mundo fosse diferente, serve de interrogação-chave a esta sessão. *Révolution École 1918-1939*, de Joanna Grudzinska, é o primeiro de três filmes que integram este programa — todos integralmente formados por imagens de arquivo — em que a câmara permite observar de perto os corpos em movimento no tempo que foi o deles, dando a ver o passado e tornando-o presente. Esta exibição é seguida por uma conversa sobre Arte e Educação que integra as comemorações do centenário do nascimento de Madalena Perdigão, reunindo à mesma mesa várias gerações de artistas e pedagogos, como Maria Emília Brederode Santos, Ana Marques Gastão ou Patrícia Portela e João Fiadeiro.

Révolution École 1918-1939, de Joanna Grudzinska, 2016 © Les Films du Poisson.



12 nov 2023

FILME

AUDITÓRIO 3 15:30

RÉVOLUTION ÉCOLE 1918-1939

de Joanna Grudzinska

85 min M/12

* Legendado em português

Esta é a história de uma “revolução de veludo” — pacífica, sem brutalidade — a da educação. É também a história de um sonho interrompido, cujo surgimento, desaparecimento e ressurgimento se conseguem acompanhar através de documentos de arquivo, mais ou menos esquecidos.

No rescaldo da Primeira Guerra Mundial, na Europa, há quem aponte a escola — “fábrica de submissão” — como catalisadora do desastre. No intervalo entre a Primeira e a Segunda Guerras, tentam-se experiências pedagógicas, mais radicais, de conceptualização de uma escola outra, de construção de paz.

Rudolf Steiner, Maria Montessori, Célestin Freinet, Alexander Sutherland Neill, Jean-Ovide Decroly, Paul Geheeb ou Janusz Korczak são algumas das figuras carismáticas que impulsionam esse contramovimento que procurava modos de educação não punitivos e emancipatórios. A invenção de uma nova escola.

REALIZADORA: Joanna Grudzinska

PRODUÇÃO: Estelle Fialon

AUTORES: Joanna Grudzinska, Léa Todorov, Laurent Roth, François Prodromidès

MONTAGEM: Raphaëlle Martin-Holger, Catherine Zins

MÚSICA: Sébastien Gaxie

INVESTIGAÇÃO: Véronique Nowak

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Claire Babany

EDIÇÃO DE SOM: Josefina Rodriguez

MISTURA: Mathieu Farnarier

PRODUÇÃO: Les Films du Poisson

COPRODUÇÃO: ARTE France

JOANNA GRUDZINSKA (1977, Polónia) estudou filosofia em Paris e cinema em Bruxelas. Trabalhou como autora, realizadora, diretora de casting, produtora e atriz. Colabora regularmente com os realizadores Emmanuel Finkiel, Bertrand Bonello, Eyal Sivan e Werner Schroeter. Escreveu e realizou médias-metragens, apresentadas em canais como o ARTE e a France Television, bem como em numerosos festivais.

CONVERSA

AUDITÓRIO 3 17:30

MADALENA PERDIGÃO: INTERDISCIPLINARIDADE E PEDAGOGIA

Ana Marques Gastão,
Maria Emília Brederode Santos,
João Fiadeiro, Patrícia Portela
moderação de Ana Bigotte Vieira

Tendo presente o trabalho de fundo empreendido por Madalena Perdigão, duas gerações de pedagogos discutem as suas experiências de educação e de ensino, procurando entendê-las na longa duração para melhor interrogar o presente. Assim, se por um lado os artistas Patrícia Portela e João Fiadeiro, ambos galardoados com o prémio Madalena Perdigão/ACARTE, partilham os desafios que a sua abordagem interdisciplinar ainda hoje coloca, por outro lado, Maria Emília Brederode Santos e Ana Marques Gastão dão a conhecer algumas experiências pedagógicas impulsionadas por Madalena Perdigão, que conheceram de perto.

ANA MARQUES GASTÃO (1962, Lisboa) é poeta, ficcionista, ensaísta e investigadora. Advogada de formação, foi jornalista cultural e crítica de dança, e é coordenadora da revista *Colóquio-Letras* desde 2009. Frequentou, desde o início, os cursos de educação pela arte e de bailado da Fundação Calouste Gulbenkian. É membro do CLEPUL da UL e consultora da cátedra Ana Hatherly da UCLA, Berkeley. Das várias obras que publicou, destaca-se *A Mulher sem Pálpebras* (2021), que recebeu o Prémio da SPA para melhor ficção narrativa.

MARIA EMÍLIA BREDERODE SANTOS (1942, Lisboa) estudou e ensinou no Institut de Psychologie et des Sciences de l'Éducation, em Genebra. Concluiu um mestrado na Boston University com a tese “Education for Democracy: a Developmental Approach to Teacher Education”. Trabalhou em formação de professores na Faculdade de Ciências da UL e colaborou na criação da Escola Superior de Educação de Setúbal. Foi presidente do Conselho Nacional de Educação entre 2017 e 2022. Foi condecorada com a Ordem da Instrução Pública em 2004. Recebeu o grau de Doutora *Honoris Causa* pelo ISPA.

PATRICIA PORTELA (1974, Lisboa) é escritora e programadora. Foi diretora artística do Teatro Viriato, em Viseu. Licenciada em realização plástica do espetáculo pela Escola Superior de Teatro e Cinema, completou um mestrado em cenografia europeia pela Central Saint Martins College of Arts, em Londres, em parceria com a Utrecht Faculty of Theatre e um mestrado em filosofia pelo Instituto de Filosofia de Leuven. Fundadora e membro da direção artística da Associação Cultural Prado em parceria com Isabel Garcez e Helena Serra e membro fundador do coletivo O resto.

JOÃO FIADEIRO (1965, Paris) pertence à geração da Nova Dança Portuguesa. Em 1990 fundou a Companhia RE.AL, estrutura que produz as suas criações, tendo dirigido o Atelier Real entre 2004 e 2019. Sistematizou a Composição em Tempo Real, ferramenta teórico-prática que o leva a lecionar nacional e internacionalmente. É doutorando no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra e artista associado do Fórum Dança.

12 nov 2023

SUJEITOS DESIGUAIS

Nas duas peças que se apresentam neste dia, muito distintas coreograficamente, há uma afirmação feminina ou feminista que se faz marcadamente vincada, não obstante as duas décadas que as separam, em que a condição da mulher na sociedade portuguesa se alterou significativamente. Esta justaposição pretende evocar movimentos de emancipação que, nas danças do século XX em Portugal e no mundo, a apresentação de mulheres a solo ou como solistas não deixou de evidenciar. Mostra também problemas de índole social que estão na base do gesto artístico de cada uma destas artistas e de tantas outras que questionaram e agitaram o lugar da mulher na sociedade ocidental.

Olga Roriz e Cláudia Dias transmitiram as suas obras a intérpretes outras, o que acarretou diferentes dificuldades: se, em *Lágrima*, o desafio da transmissão se prendeu sobretudo com a escolha da intérprete-solista no seio da Companhia Nacional de Bailado — inicialmente a peça era interpretada por Elisa Ferreira, bailarina do Ballet Gulbenkian — em *Visita Guiada* foi a natureza pessoal e íntima do que vai sendo discursivamente partilhado que constituiu o maior desafio a uma reinterpretação por alguém que não a própria Cláudia Dias.

Lágrima, de Olga Roriz, 1983 © Rodrigo de Souza.



Visita Guiada, de Cláudia Dias, 2005 © Patrícia Almeida.



15 nov 2023

PERFORMANCE

ESCADARIA PRINCIPAL

19:00

LÁGRIMA

de Olga Roriz

pela Companhia Nacional de Bailado

4 min M/12 TRANSMISSÃO

Lágrima foi criada para os Estúdios Coreográficos do Ballet Gulbenkian em julho de 1983, quando Olga Roriz fazia parte do elenco da companhia. A peça gira em torno da relação passional conturbada de uma mulher com três amantes, ou alteregos, quem sabe, de um só homem, desmultiplicado. A peça, ao som de Nina Hagen, é arrebatadora e violenta. A questão, mesmo na época, ficou no ar: esta mulher é vítima de violência? Pior do que isso, ela é uma mulher objeto, subjugada por uma sociedade machista.

“Para Elisa

Quando, em 1983, me surgiu a necessidade de criar esta peça, já vislumbrava na bailarina Elisa Ferreira a musa inspiradora que foi durante todo o meu caminho de criação no Ballet Gulbenkian.

A sua força anímica, o seu movimento felino e sensual de mulher madura, o seu pensar a dança no seu corpo, assim como a inteligência emocional, concediam-lhe uma capacidade performática excepcional. Gostaria de, publicamente, dedicar-lhe esta reposição e assim lembrar, com todo o carinho e admiração, a grande artista que foi.”

OLGA RORIZ (2023)

COREOGRAFIA, FIGURINOS E LUZES: Olga Roriz

INTERPRETAÇÃO: Anyah Siddall, Joshua Earl, Tiago Amaral,

Dylan Waddell / Companhia Nacional de Bailado

ELENCO NA ESTREIA: Elisa Ferreira, Gagik Ismailian,

José Grave e João Afonso

MÚSICA: *Naturträne* de Nina Hagen Band

PRODUÇÃO ORIGINAL: Ballet Gulbenkian

OLGA RORIZ (1955, Viana do Castelo) integrou o elenco do Ballet Gulbenkian desde 1976, onde foi primeira bailarina e coreógrafa principal. Em 1992 assumiu a direção artística da Companhia de Dança de Lisboa, e em 1995 fundou a Companhia Olga Roriz. Recebeu o grau de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade de Aveiro por distinção nas Artes (2017) e a insígnia da Ordem do Infante D. Henrique pelo Presidente da República (2004).

ANYAH SIDDALL (1996, Austrália) é bailarina da Companhia Nacional de Bailado desde 2016. Formou-se na escola de dança do Hamburg Ballett John Neumeier, em 2015, e dançou para esta companhia, para o Dutch National Ballet e para o Ballett Kiel.

PERFORMANCE

ESCADARIA PRINCIPAL

19:30

VISITA GUIADA

de Cláudia Dias

60 min M/14 TRANSMISSÃO

* espetáculo com nudez integral

* com interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP)

“De um saco de supermercado vão saindo produtos como lenços de papel, fósforos e cigarros, tampões e rebuçados. Produtos que usamos diariamente com muita desenvoltura e sem fazer caso. Uma espécie de segunda pele, uma vestimenta mais à flor da pele que os vestidos, os sapatos e as calças. Produtos que estão de facto votados a um contacto muito íntimo com a pele e mesmo à manutenção de uma certa estética e compostura. É por isso que convém não minimizar o seu papel no desempenho do jogo. Ora esta trágica performance trazida para o espaço cénico dentro de um saco plástico, diz-nos precisamente que todos os produtos que usamos, dos mais interessantes aos mais enfadonhos, têm uma palavra a dizer na biografia do corpo. Um corpo produto e produtor de paisagens, discursos e hierarquias que separam o Norte do Sul, os adultos das crianças, as mulheres dos homens, os vivos dos mortos. Paisagens e discursos que identificam o lado de cá para o opor ao lado de lá.” PAULA CASPÃO

CONCEÇÃO E TEXTO: Cláudia Dias

ESPAÇO CÉNICO E LUZES: Walter Lauterer

MÚSICA: *discombobulating* de Arnold Haberl

DESENHO DE SOM: André Pires

ACOMPANHAMENTO ARTÍSTICO: João Fiadeiro, Olga Mesa e João Queiroz

APOIO: Centre Chorégraphique National de Montpellier –

Languedoc Roussillon, no âmbito do programa Hors-Série,

Fórum Dança e Companhia Teatral do Chiado

AGRADECIMENTOS: Anne Fontanesi e toda a equipa do CCN

de Montpellier e Márcia Lança

Este espetáculo foi encomendado, produzido e difundido

pela RE.AL durante o período em que Cláudia Dias

foi artista associada da estrutura (2003/2009).

INTERPRETAÇÃO: Maya de Albuquerque

DIREÇÃO TÉCNICA: Nuno Borda D'Água

GESTÃO, ADMINISTRAÇÃO E DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Pé de Cabra

PRODUÇÃO: Sete Anos

INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA: Hands Voice

CLÁUDIA DIAS (1972, Lisboa) é coreógrafa, performer e professora. Foi artista residente no Alkantara, e artista associada no Espaço do Tempo e na Re.AL, tendo sido central no desenvolvimento da obra de João Fiadeiro e da técnica de Composição em Tempo Real. Foi nomeada para o Prémio Melhor Coreografia 2013 e 2017 pela Sociedade Portuguesa de Autores, e é diretora artística do projeto Sete Anos Sete Peças.

CONVERSA

ESCADARIA PRINCIPAL

20:30

Olga Roriz, Cláudia Dias
moderação de Teresa Joaquim

15 nov 2023

TRANSMISSÃO, COREOGRAFIA E HISTÓRIA

Transmissão, coreografia e história: os três eixos que se discutem nesta jornada sintetizam as ideias-chave do programa *dança não dança*, dando a ver o que de político e ideológico há nas forças que movem os corpos entre si e através dos tempos. Como pano de fundo, está o arquivo enquanto lugar que permite aceder a — e, eventualmente, retomar ou contrariar — ritmos e entropias, e reconhecer o passado (ou o seu efeito) no presente.

Pela manhã, Hélia Marçal, investigadora e especialista em conservação de performance, aborda a questão da conservação das obras de dança à luz da sua recente aquisição pelos museus de arte moderna e contemporânea, partilhando alguns dos desafios que o método que desenvolveu na Tate Modern acarreta para a história da dança, em particular, e para a história da arte, em geral. Este evento é seguido de uma conversa com os curadores de *dança não dança* em que se discute o programa sob o prisma da transmissão em dança e se problematiza a presença da dança no espaço da galeria e do museu.

De tarde, a investigadora e curadora Isabel de Naverán apresenta uma conferência-performance em que, acompanhando aspetos da vida da bailarina Antonia Mercé, "La Argentina" — que morre de síncope ao saber do golpe militar encabeçado pelo General Francisco Franco —, se percorre o nervosismo do século XX espanhol, com inúmeros paralelos com o português.

A projeção do filme de Marta Popivoda, com foco nas coreografias de massas, permite o desenho de outro tipo de paralelos, igualmente transnacionais e também na longa duração, incidindo sobre um corpo social que a conferência final de Bojana Cvejić vem complicar.



19 nov 2023

CONFERÊNCIA

SALA 1 10:30

DAS POSSIBILIDADES DA CONSERVAÇÃO DE PERFORMANCE

por Hélia Marçal

O performativo nas artes é tipicamente considerado irrepetível e de inscrição difícil (senão impossível) — se o movimento se esgota no corpo, já a história raramente se posiciona para além da representação. Esta apresentação procura contestar esta premissa, analisando as possibilidades epistémicas que surgem a partir da conservação de performance.

HÉLIA MARÇAL (1988) é docente de Arte, Materiais e Tecnologia na University College London e investigadora integrada no Instituto de História Contemporânea, onde já trabalhou como gestora de ciência. Trabalhou também como *Fellow* em conservação de arte contemporânea e investigação no projeto "Reshaping the Collectible: When Artworks Live in the Museum", financiado pela Fundação Andrew W. Mellon na Tate (2018-2020).

CONVERSA

SALA 1 12:00

Hélia Marçal,
João dos Santos Martins,
Ana Bigotte Vieira,
Carlos Manuel Oliveira,
Ana Dinger
moderação de Maria de Assis

Envoltura, história e síncope, de Isabel de Naverán © Vicente Paredes.

19 nov 2023

CONFERÊNCIA-PERFORMANCE

AUDITÓRIO 3 15:00

ENVOLTURA, HISTÓRIA E SÍNCOPE

de Isabel de Naverán

90 min M/12 ESTREIA NACIONAL
* em castelhano sem tradução

18 de julho de 1936, Baiona. Depois de receber a notícia da revolta das tropas militares de Franco, Antonia Mercé y Luque, a "bailaora", espanhola apelidada de "La Argentina", sofre uma síncope e morre. Quebra-se a história, quebra-se a artista. Isabel de Naverán persegue o eco desse golpe, convulsão individual que contém, de forma representativa e simbólica, a dor coletiva que se aproximava e que ressoou através de artistas como Kazuo Ohno, Takao Kawaguchi, Rocío Molina, Federico García Lorca, Vicente Escudero ou Gertrude Stein.

Envoltura, história e síncope é o nome da investigação a longo prazo que Isabel de Naverán desenvolve em torno da relação dos corpos com a grande História e as chamadas histórias menores. É também um livro, que aqui assume a forma de uma conferência performativa em que os conteúdos se desdobram, fazendo viva a ligação entre imagens, palavras e gestos.

AUTORIA: Isabel de Naverán
APOIO À PRODUÇÃO: Azkuna Zentroa, Bilbao
EDITORIA DA PUBLICAÇÃO: Caniche
ASSISTÊNCIA À INVESTIGAÇÃO E APOIO À REDAÇÃO: Andrea Rodrigo

ISABEL DE NAVERÁN (1976, Getxo) é investigadora. Trabalha na interseção entre artes visuais, coreografia e performance, em projetos de curadoria, edição e escrita. É curadora de artes performativas no Museo Reina Sofía, em Madrid, desde 2017. Escreveu *Envoltura, historia y síncope* (2021) e *Ritual de duelo* (2022) e editou *Hacer Historia* (2010) e *Lecturas sobre danza y coreografía* (2013).

YUGOSLAVIA: HOW IDEOLOGY MOVED OUR COLLECTIVE BODY

de Marta Popivoda

62 min M/12
* Legendado em português

Centrando-se nas performances coletivas estatais jugoslavas ocorridas entre 1945 e 2000 — como os desfiles de 1.º de Maio ou as celebrações do Dia da Juventude — e nas contramanifestações ocorridas no mesmo período — como o Maio de 68, as manifestações estudantis e cívicas nos anos 1990 ou a revolução de 5 de Outubro — o filme, feito integralmente de imagens de arquivo, aborda os modos como, através de espetáculos de massas, a ideologia se apresenta no espaço público. Estas imagens, ao colocarem em evidência a articulação povo-ideologia-Estado, permitem assistir ao esgotamento gradual da ideologia comunista de Estado no país.

REALIZAÇÃO: Marta Popivoda
GUIÃO: Ana Vujanović e Marta Popivoda
EDIÇÃO: Nataša Damjanović
SONOPLASTIA: Jakov Munižaba
PRODUTORAS: Marta Popivoda e Alice Chauchat
PRODUTORA EXECUTIVA: Dragana Jovović
COPRODUTORA: Ann Carolin Renninger
PRODUÇÃO: TkH [Walking Theory], Belgrade; Les Laboratoires d'Aubervilliers, Paris; Universität der Künste Berlin, Berlin; joon film, Berlin
APOIOS: Program Archive of Television Belgrade; Périphérie – Centre de création cinématographique; Dart film

MARTA POPIVODA (1982, Belgrado, Sérvia) é cineasta, artista e investigadora. O seu trabalho foca-se nas tensões entre memória, história e ideologia, bem como nas relações entre corpos coletivos e individuais, com uma perspetiva feminista e queer. Apresentou os seus filmes em numerosos festivais de cinema, mas também em galerias de arte, museus e bienais, como o MoMA de Nova Iorque, a Tate Modern de Londres e a Manifesta 14 de Pristina.

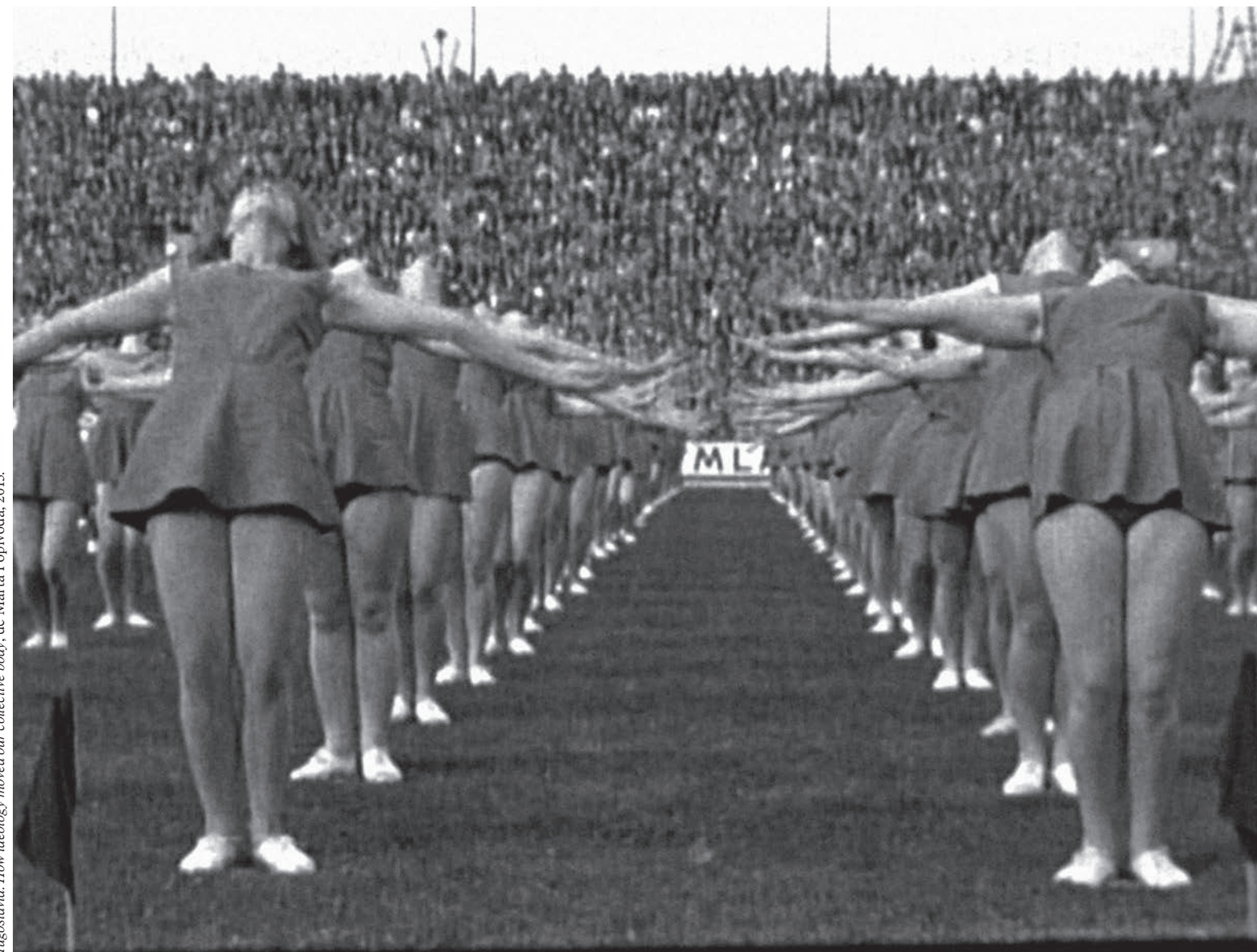
COREOGRAFIA SOCIAL: ENSAIAR A ORDEM PARA APARÊNCIAS DE DESORDEM

por Bojana Cvejić

*em inglês sem tradução

A coreografia social tem sido associada a arranjos harmoniosos de corpos dançantes e gestos individuais em que se manifestam esteticamente, ou se ensaiam, imagens ou protocolos de ordem social. Ao longo da modernidade ocidental, podemos ver como as ideias políticas que regem a ordem social se foram alterando em termos de performance, em suma, *como nos coreografaram*. No entanto, na Europa, todas as épocas, incluindo a pandemia de Covid-19, conheceram erupções ocasionais de movimentos desordenados a uma escala individual e massiva, impulsionados por crises, doenças, loucura, protestos ou arrebatamentos. Nesses momentos, o povo parece aparecer na cena pública, e perguntamos: essas aparições de desordem também são coreografadas? Como é que a estética da desordem no movimento quotidiano molda o social?

BOJANA CVEJIĆ (1975, Belgrado, Sérvia) é autora de livros como *Choreographing Problems* (Palgrave, 2015) e *Toward a Transindividual Self: A Study in Social Dramaturgy*, em coautoria com Ana Vujanović (Archive Books, 2023). Participou em inúmeras obras de ópera, dança, vídeo-dança e teatro na Europa como codiretora, dramaturga ou intérprete. Leciona na P.A.R.T.S. em Bruxelas e é, desde 2017, professora de Teoria da Dança na Academia Nacional de Artes de Oslo.



Yugoslavia: How ideology moved our collective body, de Marta Popivoda, 2013.



Yugoslavia: How ideology moved our collective body, de Marta Popivoda, 2013.

19 nov 2023

19 nov 2023

IL FAUT DANSER PORTUGAL

Em 1984, António Olaio apresenta *Il Faut Danser Portugal* no âmbito do Festival de Performance Portuguesa, organizado por Egídio Álvaro no Centro Pompidou por ocasião do 10.º aniversário da revolução portuguesa. Em 1948, Francis Graça coreografa *Nazaré*, uma das mais emblemáticas obras do grupo de Bailados Portugueses Verde Gaio, de onde sairia definitivamente pouco depois, e uma das poucas de que há registo quase integral, adaptado para a câmara.

De que forma a portugalidade parodiada por Olaio em 1984 corresponde à estilizada por Francis em 1948? Como contribuem ambos para um estudo da relação entre a produção coreográfica em Portugal no século XX e ideias de identidade nacional ou a sua crítica? Pode o contraste entre estes dois trabalhos perspetivar outras tantas danças que, afirmando-se portuguesas, dão corpo a uma cultura tão iconoclasta como situada e limitada? Como entender a transmissão em dança tendo por exemplo o modo como estes trabalhos persistem hoje? O que se transmite ao transmitir dança?

Na praia, preparam-se os utensílios da pesca. Homens e mulheres puxam um barco que chegou e as peixeiras vão-se aproximando inconfundíveis com as suas cinturas estreitas e as ancas movediças como a areia que pisam. Conduzindo redes e remos, passam pescadores, a quem o som dos búzios chama para a próxima companhia.

Francis Graça e Ruth Walden em *Nazaré*, grupo de Bailados Portugueses Verde Gaio, 1948. Autor desconhecido. Cortesia da Fundação António. Quadros.



Il Faut Danser Portugal, de António Olaio, 1984. Cortesia de Performing the Archive / Collection Egídio Álvaro.

Excerto do argumento de Francis Graça para *Nazaré*, 1948.

3 dez 2023

PERFORMANCE

ZONA DE CONGRESSOS 17:00

IL FAUT DANSER PORTUGAL

de António Olaio
por Vânia Rovisco (*Reacting to Time*)
com a Escola Superior
de Teatro e Cinema

50 min M/12 TRANSMISSÃO

Reacting to Time – portuguesas na performance procura atualizar a especificidade da memória corporal das primeiras experiências da *performance art* no país. Trata-se de construir um arquivo vivo, tornado presente nos corpos.

Desde 2014, Vânia Rovisco dirige *workshops* cujo objetivo é transmitir aos participantes uma performance que lhe foi transmitida pelo/a autor/a da obra. Até agora foram transmitidas e rerepresentadas as performances: *Identificación* (1975), de Manoel Barbosa, *Il Faut Danser Portugal* (1984), de António Olaio, e *Expresiones y interacción* (1997), de Fernando Aguiar.

DIREÇÃO ARTÍSTICA DO PROJETO: *Reacting to Time*: Vânia Rovisco
Il Faut Danser Portugal: António Olaio
MÚSICA: *You made me love you* por Nat King Cole
(música de James V. Monaco e letra de Joseph McCarthy)
CURADORIA: Egídio Álvaro para o Festival de performance portuguesa no Centro Georges Pompidou, 1984

ANTÓNIO OLAIO (1965, Lubango) é pintor e performer. As suas apresentações no início dos anos 1980 levaram-no à música. Foi um dos fundadores dos Repórter Estrábico em 1986 e, desde 1995, apresenta frequentemente as canções que faz nas suas exposições. Conta com exposições individuais e performances em Portugal, Espanha, Holanda, Alemanha, E.U.A. e Reino Unido. Leciona na Universidade de Coimbra.

VÂNIA ROVISCO (1975, Durban) é artista visual performativa. Fez o curso para Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança e trabalhou como intérprete com Meg Stuart/Damaged Goods. Colaborou com Pierre Colibeu, Helena Waldmann, Gordon Monahan e Vera Mantero, entre outros. Dá formação e faz direção de movimento. É cofundadora da AADK, e concebe, desde 2007, instalações e performances para galerias de arte.

PERFORMANCE

ESCADARIA PRINCIPAL 17:30 e 19:00

NAZARÉ

de Francis Graça
para o grupo de Bailados
Portugueses Verde Gaio
por Cristina Graça
com a Escola Superior de Dança

20 min M/6 TRANSMISSÃO

Nazaré (1948), do grupo de Bailados Portugueses Verde Gaio, tem coreografia e argumento de Francis Graça, música de Frederico de Freitas e cenário e figurinos de José Barbosa. Este bailado dá continuidade ao processo de estilização e estetização da portugalidade levado a cabo pelo Estado Novo a partir de 1935, num esforço de projetar interna e externamente a imagem moderna de um Portugal de gente simples, devota e trabalhadora. Nesta perspetiva, *Nazaré* conta, em forma de movimento, os amores e desamores de jovens pescadores e das suas companheiras, a que não são alheias a tragédia e a perda de vidas pela violência do mar.

ARGUMENTO E COREOGRAFIA: Francis Graça
MÚSICA: Frederico de Freitas
CENÁRIO E FIGURINOS: José Barbosa
BAILARINOS DA ESTREIA: Francis Graça, Ruth Walden, Helena Miranda, Dídia Maria, Ernestina de Carvalho, Isabel Santa-Rosa, Constante Rocha, Joaquim Barreiros, José Azevedo, António Almeida, Idalina de Oliveira, Lucinda Amaral, Maria Adelaide, Maria Manuela Miranda, Octávia Beleza, Sara Antonieta e Tália Vieira
ESTREIA: dezembro de 1948, Teatro Nacional de São Carlos

(2023)
REMONTAGEM: Cristina Graça
INTERPRETAÇÃO: Estudantes finalistas do curso de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa
ENCOMENDA E PRODUÇÃO: dança não dança / Fundação Calouste Gulbenkian
COLABORAÇÃO INSTITUCIONAL: Escola Superior de Dança

CRISTINA GRAÇA é professora na Escola Superior de Dança desde 2003. Foi professora na Escola de Dança do Conservatório Nacional e nos cursos de dança da Companhia Nacional de Bailado. Colaborou com o Teatro A Comuna, como professora de dança e coreógrafa. Coreografou para a Companhia de Dança da Madeira e tem criado pequenas peças para estudantes da Escola Superior de Dança. FRANCIS GRAÇA (1902-1980, Lisboa), foi bailarino e coreógrafo, renovador do teatro de revista dos anos 1930 em Lisboa e coreógrafo principal do grupo de Bailados Portugueses Verde Gaio na sua fase inicial, entre 1940 e 1950.

CONVERSA

ESCADARIA PRINCIPAL 18:00

António Olaio, Vânia Rovisco,
Cristina Graça
moderação de Paula Parente Pinto

3 dez 2023

BALLET GULBENKIAN: VARIAÇÕES

As últimas páginas de *Problemas do Ballet em Portugal*, de Luís de Carvalho e Oliveira, dão conta de *Ritmo Violento*, um dos espetáculos apresentados pelo Grupo Experimental de Ballet, em 1961, que terá impressionado “sobremodo a plateia”. Segundo o autor, ao ovacionar o bailado, o público “vivia o seu fundo anti-racista e contrário a discriminações, a lutas de raças, propenso a uma paz de progresso e de bem-estar para brancos e para negros”.

Em plena Guerra Colonial, a estreia do Grupo Experimental de Ballet, do Centro Português de Bailado, incluía uma peça de matriz urbana, ao estilo de *West Side Story*, em que se retratava criticamente um caso de segregação racial, com um dos bailarinos em *black-face* e recorrendo a música *rock'n'roll* gravada e amplificada. Desta peça sobreviveu um pequeno excerto gravado para o Noticiário Nacional, encontrado nos arquivos da Cinemateca e incluído no filme de Marco Martins, que estabelece uma relação entre a história do Ballet Gulbenkian e a história do Portugal recente.

Colocando esse pequeno excerto, a música de Johnny Mandel e as críticas da época ao escrutínio de um pensamento crítico sobre o passado colonial e formas de representação de corpos negros, André Cabral toma o desafio de reimaginar esta peça, intitulado a sua proposta *Ritmo/Violento* — o que já opera uma fronteira entre termos —, em colaboração com os alunos finalistas da licenciatura em dança da Escola Superior de Dança.



Situação do Ballet Gulbenkian no Noticiário Nacional da Radiotelevisão Portuguesa, 1975. Cortesia dos Arquivos RTP.



FILME

AUDITÓRIO 3 15:30

UM CORPO QUE DANÇA

de Marco Martins

127 min M/12

Uma proposta para a história do corpo baseada no percurso de uma das maiores companhias de dança portuguesas do século XX, o documentário de Marco Martins caminha a par do desenvolvimento da dança em Portugal e da história política, económica e sociocultural do país.

Um Corpo que Dança — Ballet Gulbenkian 1965–2005 é a história da vivência de um novo corpo, em transformação, que se liberta do fascismo, e de uma sociedade em mudança que se abre ao mundo exterior. Através de imagens de arquivo inéditas e entrevistas a vários criadores e bailarinos, acompanha-se, pelos movimentos e pelas palavras dos seus protagonistas, o trajeto do Ballet Gulbenkian, desde a génese no início dos anos 1960 até à extinção em 2005.

AUTORIA E REALIZAÇÃO: Marco Martins
ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO: Rita Quelhas
PESQUISA DE IMAGEM E APOIO À REALIZAÇÃO: Lígia Resende
PESQUISA FOTOGRÁFICA: Sara Coelho
MONTAGEM: Rita Quelhas e Catarina Lino
DESENHO E MISTURAS DE SOM: Miguel Martins
CORREÇÃO DE COR: Mário Gaspar
BANDA SONORA ORIGINAL: Filipe Raposo
ARGUMENTO: Marco Martins
COM A COLABORAÇÃO DE: Ana Bigotte Vieira, João dos Santos Martins, Luiz Antunes e Maria José Fazenda
ARQUIVO INÉDITO: Paulo Sabino
PRODUÇÃO E DIREITOS: Marta Martins
COORDENAÇÃO DE PROJETO: Patrícia Faria
PRODUTORA: Filipa Reis
Uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian.
Um filme de Marco Martins produzido por Vende-se Filmes com a coprodução da RTP.

MARCO MARTINS (1972, Lisboa) é encenador e realizador, tendo ganho, em 2005, o Prix Regard Jeune na Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes, com o filme *Alice*. Destaca-se também a video-instalação *Twenty-One-Twelve – The Day the World Didn't End*, correalizada com Michelangelo Pistoletto e exibida no Museu do Louvre. No teatro, fundou, em 2007, com Beatriz Batarda, a companhia Arena Ensemble.

10 dez 2023

10 dez 2023



PERFORMANCE ESCADARIA PRINCIPAL 18:00 e 19:30

RITMO/VIOLENTO

de André Cabral
com a Escola Superior de Dança

baseado em *Ritmo Violento* (1961), de Norman Dixon
para o Grupo Experimental de Ballet

20 min M/12 TRANSMISSÃO

“Em todas as grandes cidades têm surgido incidentes infelizes, devido ao problema da segregação racial. Este bailado, em quatro cenas, é passado numa área populosa de uma dessas cidades. Uma jovem apaixonou-se por um negro e por essa razão atrai sobre si os ciúmes de um antigo namorado. «Teddy-boys» amigos deste provocam um encontro com o jovem negro, e, durante a luta que se segue, a tragédia cai sobre o grupo de adolescentes. Todos os caracteres têm o seu valor próprio e são tratados individualmente.”

APRESENTAÇÃO DE *RITMO VIOLENTO* DE NORMAN DIXON,
PROGRAMA DO GRUPO EXPERIMENTAL DE BALLE, 1961

COREOGRAFIA: André Cabral

INTERPRETAÇÃO: Estudantes finalistas do curso de Licenciatura
em Dança da Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico
de Lisboa

ENCOMENDA E PRODUÇÃO: dança não dança / Fundação Calouste Gulbenkian
COLABORAÇÃO INSTITUCIONAL: Escola Superior de Dança

A partir de *Ritmo Violento* (1961)

COREOGRAFIA: Norman Dixon

MÚSICA: Johnny Mandel

CENÁRIO E FIGURINOS: Stanley Houghton

ELENCO DA ESTREIA: Bernardette Pessanha (a mãe);

Jorge Trincheiras (o filho); Isabel Ruth (a irmã);

Carlos Trincheiras (o antigo namorado); Albino Morais

(o novo namorado); Isabel Santa Rosa, Manuela Varela Cid,

Maria Antonieta, Vera Ribeiro da Silva, Carlos Caldas (O grupo)

A estreia teve lugar a 1 de maio de 1961, pelo Grupo Experimental de
Ballet do Centro Português de Bailado no Teatro São João, Porto.

ANDRÉ CABRAL (1990, Barreiro) começou por estudar
Danças Urbanas, sendo orientado por Vasco Alves. Frequentou
a Escola Superior de Dança e estagiou na Companhia Portuguesa
de Bailado Contemporâneo, sob a direção de Vasco Wellenkamp.
Trabalhou com António Pires, André Mesquita, Clara Andermatt,
Rui Horta, Paulo Ribeiro, Marco da Silva Ferreira, Antonio
Tagliarini, Miguel Moreira e Victor Hugo Pontes.

NORMAN DIXON (1926, Inglaterra – 2020, Croácia) foi baila-
rino, professor, coreógrafo e diretor artístico. Em Portugal,
apresentou-se pela primeira vez no final dos anos 1950, com
o Círculo de Iniciação Coreográfica, de Margarida de Abreu,
para o qual também coreografou. Em 1960, fundou o Ballet Venture,
em Inglaterra, para o qual coreografou *Ritmo Violento*. Foi mestre
de bailado do Grupo Experimental de Ballet do Centro Português de
Bailado entre 1961 e 1963, para o qual coreografou várias peças.
Em 1963, fundou, com Águeda Sena, o Ballet-Teatro.

CONVERSA ESCADARIA PRINCIPAL 18:30

André Cabral,
alunos da Escola Superior de Dança
moderação de Daniel Tércio

10 dez 2023

10 dez 2023

COREOGRAFIA EXPANDIDA

ZOO&lógica, Instalação a Habitar por Coreografias, de 1984, foi um gesto artístico precursor do que viriam a ser, mais tarde, as aberturas e experimentações da Nova Dança Portuguesa.

Impulsionado pela coreógrafa Paula Massano, que convocou cúmplices como Margarida Bettencourt, Ana Rita Palmeirim, Filipa Mayer e Gagik Ismailian (na altura membros do Ballet Gulbenkian), António Pinto Ribeiro (texto), Nuno Carinhas (espaço cénico), Constança Capdeville e Carlos Zíngaro (música) e Paulo Graça (desenho de luz), teve lugar na galeria Os Cómicos, em Lisboa.

ZOO&lógica resultou de um processo colaborativo ancorado em estratégias de improvisação, atualizando, em Portugal, propostas da dança pós-moderna norte-americana. Não só fez da interdisciplinaridade modo de construção, como desfez a relação frontal única, confundindo as perspetivas do público. O protagonista do trabalho terá sido, então, o próprio espaço, pela forma como acolheu corpos e objetos, música e vozes, danças e textos, sem hierarquias.

Quase quarenta anos depois, usando partituras, gravações áudio e uma filmagem, Margarida Bettencourt e Ana Rita Palmeirim regressam a *ZOO&Lógica* num processo que envolve a participação dos alunos da Escola Superior de Dança e a intervenção de Nuno Carinhas, Carlos Zíngaro e Paulo Graça. Em causa está a reativação das operações que *ZOO&lógica* propôs.

PERFORMANCE

SALA 1 16:30

ZOO&LÓGICA

por Margarida Bettencourt,
Ana Rita Palmeirim, Carlos Zíngaro,
Paulo Graça e Nuno Carinhas
com a Escola Superior de Dança

a partir de *ZOO&lógica, Instalação a Habitar por Coreografias* (1984), de Paula Massano

60 min M/6 TRANSMISSÃO

“Consideremos o universo. Estranho, fascinante, diverso. Consideremos os seus movimentos: impercetíveis, infindáveis. Tanta harmonia! Imaginemos o bailarino executando gestos. Depois de cada movimento, os movimentos; cada ponto da linha imaginária dos movimentos efémeros; a ele se junta outro bailarino, e outro, e outro ainda. Já não é uma imagem solta, é um espaço imagético, indescritível. O espaço vazio ornamenta-se, (a casa), de objetos que são só objetos. Por isso, fantásticos. A aritmética, a primeira ciência, a primeira medida, vem da palavra ritmo. O ritmo ajusta a medida exata das coisas, dos objetos, dos movimentos, dos bailarinos que ciclicamente produzem a festa, da casa. A festa é sempre social, quer dizer, indefinível, indemonstrável, inadiável, contagiando centriptamente, com as suas leis. Desconhecidas?! Experimentemos! O universo, esse, continua a expandir-se infinitamente.”

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO, SEGUNDO CLARICE LISPECTOR,
ZOO&LÓGICA, 1984

INTÉRPRETES: Alunos finalistas do curso de Licenciatura da Escola Superior de Dança

DIREÇÃO DA REVISITAÇÃO: Ana Rita Palmeirim e Margarida Bettencourt

CONSULTORES: Gagik Ismailian e Filipa Magalhães

CENOGRAFIA: Nuno Carinhas

LUZES: Paulo Graça

MÚSICA: Carlos Zíngaro e Constança Capdeville

AGRADECIMENTOS: Carlos Alberto Augusto e LaPra (Laboratório de Preservação e Restauro de Áudio do CESEM – Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da FCSH da Universidade NOVA, coord. de Isabel Pires

A partir de *ZOO&lógica* (1984), de Paula Massano
ZOO&LÓGICA I – ERRÁTICA

COREOGRAFIA: Gagik Ismailian

MÚSICA: Carlos Zíngaro

ZOO&LÓGICA II – AINDA BEM

COREOGRAFIA: Ana Rita Palmeirim

MÚSICA: Constança Capdeville

ZOO&LÓGICA III – O CORPO É UMA PAISAGEM

COREOGRAFIA: Paula Massano

MÚSICA: Carlos Zíngaro

TEXTO: Clarice Lispector / António Pinto Ribeiro

BAILARINOS: Ana Rita Palmeirim, Filipa Mayer, Gagik Ismailian, Margarida Bettencourt, Paula Massano

MÚSICOS: Carlos Bechegas (flauta, saxofone soprano),

Jorge Lampreia (flauta, saxofone soprano),

Carlos Zíngaro (violino, sintetizadores, composição e arranjos)

CORO: Birte Lundwall, Zaire Zeyd e Maria João Salomão

CENARISTA: Wladimir Franklin

DESENHO DE LUZES: Paulo Graça

PRODUÇÃO: Gabriela Nogueira Simões

ANA RITA PALMEIRIM (1955, Lisboa) ingressou na Escola de Dança do Conservatório Nacional em 1973, onde fez as suas primeiras experiências coreográficas. Dançou com o Ballet Gulbenkian (1975-94), coreografando em alguns Estúdios Coreográficos. Participou em projetos independentes como *Vamos Satiar*, *Tanza Variedades*, *ZOO&lógica*, e *1.º Encontro dos Peixes*, e coreografou obras para público infantil.

MARGARIDA BETTENCOURT (1962, Joanesburgo) é bailarina-coreógrafa, professora e terapeuta de movimento. Fez parte do elenco do Ballet Gulbenkian de 1980 a 1993. O seu trabalho a solo distingue-se por uma ênfase no corpo como potencial de expressão. Desenvolve uma investigação que explora esse potencial como força transformadora, terapêutica e criativa.

CARLOS ZÍNGARO (1948, Lisboa) é músico, compositor e artista visual. Pioneiro, em Portugal, na utilização das novas tecnologias e composição em tempo real, tem desenvolvido extensa prática nas artes experimentais e múltiplas colaborações com alguns dos maiores nomes da nova música internacional, com uma discografia de mais de 60 títulos.

PAULO GRAÇA (1958, Lisboa) começou a atividade de desenhador de luz em 1978, tendo colaborado com os encenadores Ricardo Pais, Carlos Avilez, Jorge Silva Melo, Jorge Listopad e Nuno Carinhas; os coreógrafos Margarida de Abreu, Paula Massano, Olga Roriz, Paulo Ribeiro, Benvindo Fonseca, Vera Mantero, Gagik Ismailian e Clara Andermatt; os cenógrafos José Manuel Castanheira, António Lagarto, José Costa Reis, Nuno Carinhas, Jasmim Matos e António Casimiro; e os arquitetos Siza Vieira, Nuno Lacerda Lopes e João Mendes Ribeiro. Foi diretor técnico da CNB de 1996 a 1998 e do Centro Cultural de Belém de 1998 a 2010.

NUNO CARINHAS (1954, Lisboa) estudou pintura na Escola Superior de Belas Artes. Expôs desenhos e pinturas em exposições individuais e coletivas, dirigiu performances. Cenógrafo e figurinista em teatro e dança, cinema e ópera. Encenador de textos de muitos autores nacionais e estrangeiros. Diretor artístico do Teatro Nacional São João (2009-2018).

PAULA MASSANO (1949, Angola - 2012, Lisboa) foi bailarina e coreógrafa, com formação em Belas Artes, Dança e Arquitetura. Com Elisa Worm coreografou para o Dança Grupo *Na Palma da Mão a Lâmpada de Guernica* (1981), um trabalho precursor da Nova Dança Portuguesa. Após um ano a estudar com Merce Cunningham em Nova Iorque, organiza com Margarida Bettencourt o *workshop* e espetáculo *Lisboa – Nova Iorque – Lisboa*.

CONVERSA

SALA 1 17:30

Margarida Bettencourt,
Ana Rita Palmeirim, Carlos Zíngaro,
Paulo Graça, Nuno Carinhas
moderação de Maria José Fazenda

17 dez 2023

17 dez 2023



DESENTERRAR MEMÓRIAS DA DANÇA

Nas propostas de Marlene Monteiro Freitas e Miguel Pereira, ainda que de pontos de vista diametralmente opostos, o colonial torna-se presente não como tema mas como experiência vivida, com os desafios que acarreta para as sociedades atuais. A contraposição entre a escassez de referências ao passado colonial no arquivo sobre a dança em Portugal e a sua presença quotidiana (nos corpos, nos imaginários e nas suas emanações), não só se manifesta nas peças como será abordada na conversa entre Piny, Angela Guerreiro e Désiré Desmarattes. Moderada por Cristina Roldão, esta conversa debruçar-se-á sobre as condições que enfrentam ainda hoje as investigações sobre a presença de corpos negros em diversos arquivos e contextos.

O trabalho de Marlene Monteiro Freitas, construído de colagens de centenas de referências iconográficas, é um exercício de composição de memória e, para quem vê, de reconhecimento e estranhamento. Em *Idiota*, a artista dialoga com a obra do pintor Alex da Silva, também cabo-verdiano e dedicado a representar “criaturas” em transfiguração. Marlene Monteiro Freitas coloca-se dentro de uma caixa que é, ao mesmo tempo, lugar de aprisionamento e libertação. Neste espaço de imaginação cruzam-se as memórias do mundo, desde a violência colonial das Exposições Universais, onde corpos indígenas são exibidos à curiosidade ocidental, à fantasia do circo e da ilusão.

O momento presente, a memória e a sua perda são os fios condutores de *Miquelina e Miguel*, onde o coreógrafo Miguel Pereira procura resgatar um novo lugar, trágico-cômico, entre ele e a sua mãe. Nos entretantos, pelas palavras e gestos de ambos, vai aparecendo, de forma delicada, a complexidade brutal do século XX português, que Luís Trindade abordará depois em conversa. Um encontro delirante e carinhoso a dois, onde a dança, o absurdo e a fragilidade são celebrados num espaço de liberdade sem limites, numa tentativa de contrariar o tempo e escapar ao inevitável, enquanto o nacional-cançonetismo se mistura com ícones de Hollywood.



Idiota, de Marlene Monteiro Freitas, 2022 © BEA BORGES/ ktda.



Idiota, de Marlene Monteiro Freitas, 2022 © BEA BORGES/ ktda.

PERFORMANCE

ESCADARIA PRINCIPAL

20:00

IDIOTA

de Marlene Monteiro Freitas

80 min M/12 10 € ESTREIA NACIONAL
*este espetáculo utiliza luz estroboscópica

Idiota nasce da pintura. É tela que se tornou caixa. Translúcida, refletora e permeável, é simultaneamente vitrine e espelho. É uma caixa multifacetada: caixa-casa, caixa-plantação, espaço de recolhimento e de ultra exposição, caixa-prisão, caixa-festa, caixa-tenda, caixa-boia, uma cabine telefónica, o terminal de um aeroporto, caixa-imune, caixa-impune, caixa-camarim. É também um teatro portátil e, portanto, aberta a todas as figuras que queiram aí ser projetadas.

Idiota é ainda o nome da figura que se esgueirou deliberadamente para dentro desta caixa, com o intuito de espiar uma criatura, *Élpis*...

O mito de Pandora surgiu provavelmente como resposta à velha questão: porque é que as pessoas adoecem e morrem? Porque é que as coisas más acontecem?

Na origem de *Idiota* (2022) está um diálogo entre a obra da coreógrafa cabo-verdiana e a do pintor Alex Silva (1974–2019), uma encomenda do Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design, no Mindelo, Cabo Verde.

COAPRESENTAÇÃO: CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian

CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO: Marlene Monteiro Freitas

ASSISTÊNCIA COREOGRÁFICA: Hsin-Yi Hsiang

ESPAÇO: Marlene Monteiro Freitas, Miguel Figueira,

Yannick Fouassier

LUZ: Yannick Fouassier

SOM: Rui Antunes

FIGURINOS: Marlene Monteiro Freitas

PRODUÇÃO: P.OR.K – Carolina Goulart, Soraia Gonçalves (Lisboa, PT)

DIFUSÃO: Key Performance (Estocolmo, SE)

COPRODUÇÃO: CNAD – Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design

(Mindelo, CV); Festival d'Automne (Paris, FR); Grec Festival

(Barcelona, ES); Kunstenfestivaldesarts (Bruxelas, BE);

Wiener Festwochen (Viena, AT)

APOIO: Theater Freiburg (Freiburg, DE); Mattatoio – Azienda

Speciale Palaexpo (Roma, IT)

A P.OR.K Associação Cultural é financiada pela República Portuguesa – Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes

MARLENE MONTEIRO FREITAS (1979, Cabo Verde) é conhecida por criar peças cuja marca é a abertura, o hibridismo, a impureza e a intensidade. Amplamente premiada, destacam-se o Leão de Prata da Bienal de Veneza (2020), o Chanel Next Prize e o Evens Arts Prize (2021). Desde 2020, é cocuradora do projeto (un)common ground.

9/10 jan e 4 fev 2024

9/10 jan 2024

DESENTERRAR MEMÓRIAS DA DANÇA

Piny, Angela Guerreiro,
Désirée Desmarrattes (coletivo InterStruct)
moderação de Cristina Roldão

Convidadas a fazer investigação para o programa *dança não dança*, Piny, Angela Guerreiro e Désirée Desmarrattes pesquisaram sobre a presença de corpos negros e narrativas afrodiáspóricas na dança em Portugal, olhando para arquivos existentes e construindo outros. Nesta conversa — que recupera uma expressão anteriormente usada pelo coletivo InterStruct, a de “desenterrar memórias” — moderada pela socióloga Cristina Roldão, interrogam-se os resultados, os desafios e as vicissitudes da pesquisa.

ANGELA GUERREIRO (1965, Lisboa) é afrodescendente, mãe, coreógrafa e performer, terapeuta de dança e educadora de movimento somático, curadora e investigadora. Produziu o festival anual DanceKiosk – Hamburg (2005-2016) e vários outros projetos dedicados à dança contemporânea. É doutoranda em Pós-Colonialismo e Cidadania Global pela Universidade de Coimbra (2023) e membro da UNA – União Negra das Artes.

DESIRÉE DESMARRATTES (1992, Alemanha) investiga o legado colonial que permanece em diferentes topografias. Licenciada em Estudos de Arte pela Universidade Duisburg-Essen, concluiu o Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com tese sobre o passado colonial no espaço público do Porto. Trabalhou em galerias de arte contemporânea e fotografia em Essen, Marselha e Istambul.

PINY (1981, Lisboa) é performer, coreógrafa, pesquisadora, professora e facilitadora de práticas mistas e misturadas. Lisboaeta de origem angolana, é licenciada em arquitetura com uma pós-graduação em cenografia e em dança contemporânea pela ESD. Em 1999, começou o estudo de danças do Médio Oriente e Norte de África e, desde 2006, dedica-se também à cultura Hip Hop e Clubbing, através da dança e Djing.

CRISTINA ROLDÃO (1980, São Domingos de Rana) é socióloga, professora convidada da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal e investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa. As desigualdades sociais perante a escola são o seu principal domínio de pesquisa, com enfoque nos processos de exclusão e racismo institucional.



Cristina Moura e Jo Stone em *Project Z*, de Angela Guerreiro, 2002 © Wolfgang Unger.

MIQUELINA E MIGUEL

de Miguel Pereira

80 min M/6
* com interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP)

“A minha mãe chama-se Miquelina e nasceu em 1935. Durante grande parte da sua vida viveu em Moçambique. Nos últimos anos foi-lhe diagnosticada uma demência. Uma realidade que tenho vivido com sentimentos contraditórios, por um lado, o medo da degradação das suas faculdades, e por outro, o permitir-me aceder a um novo patamar de entendimento, que se situa algures entre a loucura, a ternura e a cumplicidade. Hoje olho para a minha mãe e reconheço-me mais do que nunca. O imponderável, essa loucura que por vezes me assalta, a vivência do fracasso e do ridículo, marcas que, sem saber, transportava vindas dela, e que só agora, à luz da degenerescência progressiva da sua memória, posso ver e entender. Descobri como a minha mãe tem sentido de humor e como gosta de dançar. Juntos rimos e fazemos disparates, as nossas maluqueiras. E, numa espécie de realidade paralela, por momentos somos felizes.” MIGUEL PEREIRA

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Miguel Pereira
INTERPRETAÇÃO: Miquelina da Costa Frederico e Miguel Pereira
COLABORAÇÃO DRAMATÚRGICA: Paula Caspão
ASSISTÊNCIA À CRIAÇÃO: Bibi Dória
DESENHO DE LUZ: Hugo Coelho
COLABORAÇÃO NO DESENHO DO ESPAÇO CÊNICO: André Guedes
PRODUÇÃO: O Rumo do Fumo
COPRODUÇÃO: Teatro do Bairro Alto / EGEAC
APOIO: Estúdios Victor Córdon
INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA: Hands Voice
AGRADECIMENTOS: Ana Pais, Bruno Moreno, Catarina Alvarez, Daniel Tércio, Filipe Viegas, Henrique Neves, Laura Lopes, Luis Graça, Magda Pereira, Marcelo Evelin, Otávio Almeida e Vera Mantero

MIGUEL PEREIRA (1963, Portugal) é coreógrafo. Da sua obra destaca-se *Shirtologia (Miguel)* (1997), em colaboração com Jérôme Bel, *Antonio Miguel* (2000), Prémio Revelação José Ribeiro da Fonte e menção honrosa do prémio Acarte 2000, *Notas Para Um Espectáculo Invisível* (2001), *data/local* (2002), *Transitions* (2004), *Corpo de Baile* (2005), e *Karima meets Lisboa meets Miguel meets Cairo* (2006), em colaboração com Karima Mansour.

Miguel Pereira,
Luís Trindade
moderação de Ana Bigotte Vieira

Miquelina e Miguel, de Miguel Pereira, 2022 © Joana Linda.



4 fev 2024

4 fev 2024

ESTES CORPOS QUE NOS OCUPAM

O corpo, habitualmente entendido como *medium* privilegiado da dança, é também, por isso mesmo, o território das forças sociais que a animam.

João Fiadeiro e Diana Niepce, sendo de gerações artísticas distintas e com universos estéticos díspares, têm em comum a problematização do corpo enquanto matéria e veículo, propondo através dos seus trabalhos a experimentação das suas potências e a reinvenção das suas possibilidades.

João Fiadeiro confere ao corpo a capacidade de se esvaziar do sujeito, abrindo a sua significação ao que de relação há com o mundo — o palco, a cena, a sala de estar de uma casa qualquer —, convidando a alargar a perceção do que pode cada corpo e cada coisa. Diana Niepce faz uso da vida autónoma do seu corpo para colocar em jogo estruturas de poder do sujeito em relação a si próprio, e dos sujeitos em relação uns com os outros.

Através da constatação de um corpo-coisa, a obra de ambos questiona a subjetividade política, humana e não-humana, do corpo, atribuindo-lhe materialidades e modos de existir outros, reimaginando também a realidade de onde emergem as suas danças.



17 jan 2024

PERFORMANCE

ESCADARIA PRINCIPAL

18:00

ESTE CORPO QUE ME OCUPA

de João Fiadeiro

50 min M/12

* com interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP)

“Depois desse dia fiquei vazio. Esvaziado. Ou desaparecia (e só não o fiz porque não sabia) ou enchia este corpo com qualquer coisa. E foi o que fiz. Enchi-o comigo mesmo.”

JOÃO FIADEIRO, “AUTOBIOGRAFIA”, *JORNAL DE LETRAS*, SETEMBRO 2007

CONCEITO E PERFORMANCE: João Fiadeiro

TEXTOS: Paula Caspão com João Fiadeiro

DRAMATURGIA: João Fiadeiro com Paula Caspão

ACOMPANHAMENTO CRÍTICO: David-Alexandre Guéniot

PRODUÇÃO: RE.AL

Projeto financiado pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes

APOIO: Fundação Calouste Gulbenkian (Paris), La Porta (Barcelona),

Atelier RE.AL (Lisboa), Lisantigo, Fórum Dança

RESIDÊNCIAS: Théâtre Arsenic (Lausanne);

Théâtre de la Bastille (Paris), Mousonturm/TanzLabor21

(Frankfurt), La Caldera/La Porta (Barcelona) e Chão de Oliva/

Festival 4 Estações (Sintra)

INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA: Hands Voice

JOÃO FIADEIRO (1965, Paris) pertence à geração da Nova Dança Portuguesa. Em 1990 fundou a Companhia RE.AL, estrutura que produz as suas criações, tendo dirigido o Atelier Real entre 2004 e 2019. Sistematizou a composição em tempo real, ferramenta teórico-prática que o leva a lecionar nacional e internacionalmente. É doutorando no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra e artista associado do Fórum Dança.

PAULA CASPÃO (1968, Portugal) é investigadora e docente no Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. Dedicou-se aos campos expandidos da dança, edição, cinema experimental e arquivo, apresentando o seu trabalho internacionalmente. Doutorou-se em Filosofia pela Universidade Paris Ouest Nanterre, com tese sobre o *sensorium* da coreografia contemporânea (2010). É autora e editora de várias publicações.

PERFORMANCE

ESCADARIA PRINCIPAL

19:30

ENFREAKMENT

de Diana Niepce

50 min M/12 ESTREIA ABSOLUTA

*espetáculo com nudez parcial

* com interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP)

“*Enfreakment* é uma talk-performance, sob forma de dispositivo multidisciplinar e experimental, que parte da historiografia nacional e internacional do corpo fora da norma nas artes performativas. O corpo dá voz a uma reflexão acerca da genealogia da dança, segundo um olhar atento que permite expor a violência e eugenia exercida sobre estes corpos. É urgente compreender a evolução do corpo na história e questionar as políticas que promovem a exclusão.

Existirá sempre o meu corpo e, logo depois, o corpo do outro. Criar um corpo e tornar visível o invisível. Presenciar o nosso lugar. Existir num corpo fora da norma é existir num estado de constante revolução. Pensar a dança a partir de um outro lugar. Transgredir a norma e os limites naturais.” DIANA NIEPCE

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Diana Niepce

PERFORMERS: Diana Niepce e Maria Abrantes

VÍDEO: Eduardo Breda

APOIO TÉCNICO: Carlos Ramos

CONSULTORIA DE SOM: Gonçalo Alegria

CONSULTORIA ARTÍSTICA: Biblioteca de Marvila / CML,

Figurinos: Silvana Ivaldi

CASA DE PRODUÇÃO: Produção d’Fusão

DIREÇÃO DA PRODUÇÃO D’FUSÃO: Filipe Metelo e Patrícia Soares

APOIO DE RESIDÊNCIA ARTÍSTICA: Biblioteca de Marvila / CML,

Campus e Estúdios Victor Córdon / OPART

APOIO: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação GDA, Direção

Geral das Artes – Ministério da Cultura

INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA: Hands Voice

DIANA NIEPCE (1985, Lisboa) é bailarina, coreógrafa e escritora. Em 2014, a queda de um trapézio deixou-a tetraplégica, obrigando-a a reformular a sua identidade artística. É autora de várias peças, que apresenta por toda a Europa, a par de colaborações diversas. A sua peça *Anda*, Diana venceu o Prémio Melhor Coreografia 2022 da Sociedade Portuguesa de Autores. É autora dos livros *Bayadère* e *Anda, Diana*.

CONVERSA

ESCADARIA PRINCIPAL

20:30

João Fiadeiro, Diana Niepce,
Paula Caspão

moderação de Carlos Manuel Oliveira

* com interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP)

17 jan 2024



INFORMAÇÕES ÚTEIS

Todos os eventos são gratuitos, à exceção da performance *Idiota*, de Marlene Monteiro Freitas.

A entrada em alguns espetáculos poderá estar sujeita ao levantamento de bilhete no próprio dia.

Consulte as condições de acesso em gulbenkian.pt.

BILHETEIRA ONLINE

gulbenkian.pt

BILHETEIRA / TICKET OFFICE

Fundação Calouste Gulbenkian

EDIFÍCIO SEDE
Avenida de Berna, 45A

Segunda a sábado
10:00 – 18:00

Em dias de espetáculo, a bilheteira abre 2 horas antes, para levantamento ou venda exclusiva de bilhetes para esse evento, quando aplicável.

COMO CHEGAR

METRO
São Sebastião
(linhas azul e vermelha)
Praça de Espanha
(linha azul)

AUTOCARRO
716, 726, 756, 746, 713, 742

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

PARQUE DA FUNDAÇÃO
Dias úteis
a partir das 17:30
Fins de semana
a partir das 10:00
Tarifa 2€

PARQUE BERNA
(subterrâneo)

ACESSIBILIDADE

Elevador, rampas e instalações sanitárias disponíveis para visitantes com necessidades especiais.

dança não dança
arqueologias da Nova Dança em Portugal

30 out 2023 – 04 fev 2024
(RE)PERFORMANCES,
FILMES E CONVERSAS

CURADORIA
Ana Bigotte Vieira
Carlos Manuel Oliveira
João dos Santos Martins

COCURADORIA
Ana Dinger

COLABORAÇÃO INSTITUCIONAL
Companhia Nacional de Bailado,
Escola Superior de Dança,
Escola de Dança do
Conservatório Nacional,
Escola Superior
de Teatro e Cinema

07 nov 2024 – 25 fev 2025
EXPOSIÇÃO

CURADORIA, INVESTIGAÇÃO
E EDIÇÃO
Ana Bigotte Vieira,
Ana Dinger,
Carlos Manuel Oliveira,
João dos Santos Martins

INVESTIGAÇÕES CONVIDADAS
Angela Guerreiro,
Piny, Diana Niepce,
Desirée Desmarattes

APOIO À PESQUISA
Laura Rozas

CENOGRAFIA
Romain Guillet

COPRODUÇÃO
Associação Parasita

APOIO INSTITUCIONAL
RTP

LIVRO-CATÁLOGO

CONTRIBUIÇÕES
Alexandra Balona, Ana
Bigotte Vieira, Ana Dinger,
Ana Rita Palmeirim,
André Barata, André Lepecki
(trad. Miguel Cardoso),
Angela Guerreiro,
António Pinto Ribeiro,
António Tavares, Bojana Cvejić
(trad. Sílvia Pinto Coelho),
Carlos M. Oliveira,
Carlos Zingaro, Daniel Tércio,
Desirée Desmarattes,
Diana Niepce, Eduardo
Prado Coelho, Filipa Magalhães,
Hélio Santos, Inês Brasão,
Íris de Brito, João dos Santos
Martins, João Fiadeiro,
José Gil, José Sasportes,
Liliana Coutinho, Manuel
Deniz Silva, Margarida
Bettencourt, Nuno Carinhas,
Nuno Faria, Nuno Nabais,
Paula Caspão, Piny, Rosa Paula
Rocha Pinto, Vera Mantero

ORGANIZAÇÃO, EDIÇÃO,
CONCEÇÃO EDITORIAL
Ana Bigotte Vieira,
Ana Dinger,
Carlos Manuel Oliveira,
João dos Santos Martins

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ana Dinger

GESTÃO FINANCEIRA
Associação Parasita

EDIÇÃO
Fundação Calouste Gulbenkian
e Imprensa Nacional
Casa da Moeda

PARA UMA TIMELINE
A HAVER

COORDENAÇÃO
Ana Bigotte Vieira
e João dos Santos Martins

PRODUÇÃO
Associação Parasita

A Associação Parasita
é uma estrutura financiada
pela República Portuguesa –
Ministério da Cultura /
Direção-Geral das Artes

PROJETO GRÁFICO

CONCEÇÃO E COORDENAÇÃO
Ana Baliza

IDENTIDADE VISUAL
Ana Teresa Ascensão
e Ana Baliza

PROGRAMA E LIVRO-CATÁLOGO
Mariana Veloso e Ana Baliza

PÓS-PRODUÇÃO DE ILUSTRAÇÃO
Andreia d'Almeida

FORMATOS DIGITAIS
Gonçalo Fialho
e Rodrigo Machado

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Um projeto do Programa
Gulbenkian Cultura

PRODUÇÃO
Joana Grilo, Maria Cristina
Barbosa, Francisca Salema

DIREÇÃO DE CENA
Otelo Lapa, Daniela Oliveira

COORDENAÇÃO TÉCNICA
João Hora, João Alves,
Ricardo Santana

MARKETING E DIVULGAÇÃO
Clara Vilar, Pedro Relvas

COMUNICAÇÃO
Sara Ramos

Espectáculo *Idiota*,
de Marlene Monteiro de Freitas
coapresentado pelo LIVE ARTS /
CAM – Centro de Arte Moderna
Gulbenkian

COORDENAÇÃO
Rita Fabiana

PRODUÇÃO
Catarina Ariztía

A Fundação Calouste Gulbenkian reserva-se o direito de recolher e conservar registos de imagens, sons e voz para a difusão e preservação coletiva da memória da sua atividade cultural e artística. Caso pretenda obter algum esclarecimento, poderá contactar-nos através de privacidade@gulbenkian.

COLABORAÇÃO



opart

COMISSÃO
NACIONAL
DE BAILADO

CN



es d



COPRODUÇÃO



PARCEIRO



APOIO



DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



arquivomunicipal de lisboa

2023

5 nov DOM

15:00 e 16:30 ZONA DE CONGRESSOS

PERFORMANCE

CORAÇÃO-MÃO

de Sofia Neuparth com a Escola de Dança do Conservatório Nacional

15:30 ESCADARIA PRINCIPAL

CONVERSA

Sofia Neuparth, alunos da Escola de Dança do Conservatório Nacional, Ana Paz

moderação de Ana Dinger

17:00 SALA 1

PERFORMANCE

NO BODY

NEVER MIND, 002

de Ana Borralho & João Galante

18:30 ESCADARIA PRINCIPAL

PERFORMANCE

A BOCA DO ATLAS

de Gaya de Medeiros e Ary Zara

19:30 ESCADARIA PRINCIPAL

CONVERSA

Ana Borralho & João Galante, Gaya de Medeiros, Ary Zara, Izabel Nejur

moderação de João Manuel Oliveira

12 nov DOM

15:30 AUDITÓRIO 3

FILME

RÉVOLUTION ÉCOLE

1918-1939

de Joanna Grudzinska

17:30 AUDITÓRIO 3

CONVERSA

MADALENA PERDIGÃO:

INTERDISCIPLINARIDADE

E PEDAGOGIA

Ana Marques Gastão, Maria Emília Brederode Santos, João Fiadeiro, Patrícia Portela

moderação de Ana Bigotte Vieira

15 nov QUA

19:00 ESCADARIA PRINCIPAL

PERFORMANCE

LÁGRIMA

de Olga Roriz pela Companhia Nacional de Bailado

19:30 ESCADARIA PRINCIPAL

PERFORMANCE

VISITA GUIADA

de Cláudia Dias

20:30 ESCADARIA PRINCIPAL

CONVERSA

Olga Roriz, Cláudia Dias

moderação de Teresa Joaquim

19 nov DOM

10:30 SALA 1

CONFERÊNCIA

DAS POSSIBILIDADES DA

CONSERVAÇÃO DE PERFORMANCE

por Hélia Marçal

12:00 SALA 1

CONVERSA

Hélia Marçal, João dos Santos

Martins, Ana Bigotte Vieira, Carlos Manuel Oliveira, Ana Dinger

moderação de Maria de Assis

15:00 AUDITÓRIO 3

CONFERÊNCIA-PERFORMANCE

ENVOLTURA,

HISTÓRIA E SÍNCOPE

de Isabel de Naverán

17:00 SALA 1

FILME

YUGOSLAVIA: HOW IDEOLOGY

MOVED OUR COLLECTIVE BODY

de Marta Popivoda

18:30 SALA 1

CONFERÊNCIA

COREOGRAFIA SOCIAL:

ENSAIAR A ORDEM PARA

APARÊNCIAS DE DESORDEM

por Bojana Cvejić

3 dez DOM

17:00 ZONA DE CONGRESSOS

PERFORMANCE

IL FAUT DANSER

PORTUGAL

de António Olaio por

Vânia Rovisco (*Reacting to Time*)

com a Escola Superior

de Teatro e Cinema

17:30 e 19:00 ESCADARIA PRINCIPAL

PERFORMANCE

NAZARÉ

de Francis Graça

para o grupo de Bailados

Portugueses Verde Gaio

por Cristina Graça com

a Escola Superior de Dança

18:00 ESCADARIA PRINCIPAL

CONVERSA

António Olaio, Vânia Rovisco, Cristina Graça

moderação de Paula Parente Pinto

10 dez DOM

15:30 AUDITÓRIO 3

FILME

UM CORPO QUE DANÇA

de Marco Martins

18:00 e 19:30 ESCADARIA PRINCIPAL

PERFORMANCE

RITMO/VIOLENTO

de André Cabral com

a Escola Superior de Dança

baseada em *Ritmo Violento* (1961),

de Norman Dixon para o Grupo

Experimental de Ballet

18:30 ESCADARIA PRINCIPAL

CONVERSA

André Cabral,

alunos da Escola

Superior de Dança

moderação de Daniel Tércio

17 dez DOM

16:30 SALA 1

PERFORMANCE

ZOO&LÓGICA

por Margarida Bettencourt,

Ana Rita Palmeirim,

Carlos Zíngaro, Paulo Graça

e Nuno Carinhas com

a Escola Superior de Dança

a partir de *ZOO&lógica, Instalação*

a Habitar por Coreografias (1984),

de Paula Massano

17:30 SALA 1

CONVERSA

Margarida Bettencourt,

Ana Rita Palmeirim,

Carlos Zíngaro, Paulo Graça,

Nuno Carinhas

moderação de Maria José Fazenda

30 out SEG

18:00 SALA 1

ABERTURA

APRESENTAÇÃO

DO PROGRAMA

DANÇA NÃO DANÇA

Ana Bigotte Vieira,

Ana Dinger e

Carlos Manuel Oliveira

19:00 ESCADARIA PRINCIPAL

PERFORMANCE

ALMADA NEGREIROS,

O BAILARINO

de Luís Guerra

20:00 ESCADARIA PRINCIPAL

PERFORMANCE

TALVEZ ELA

PUDESSE DANÇAR

PRIMEIRO

E PENSAR DEPOIS

de Vera Mantero

pela Companhia

Nacional de Bailado

20:30 ESCADARIA PRINCIPAL

CONVERSA

Luís Guerra,

Vera Mantero,

Paulina Santos

moderação de Alexandre Melo

Dança não dança – arqueologias da nova dança em Portugal é um programa dedicado a diferentes manifestações da dança, procurando situar aquilo a que, nos anos 1990, se chamou a Nova Dança Portuguesa, não sem dar conta do que de “novo” existe numa multiplicidade de ocorrências que atravessam o século XX. Trata-se de “dançar o nervosismo da história”, experimentando, pelas danças, as contradições do tempo em que estas ocorrem, dando a ver possíveis outros tempos.

O programa divide-se em três eixos, compreendendo um ciclo de eventos, um livro e uma exposição. Cada um destes eixos percorre o século XX e início do século XXI, problematizando à sua maneira (específica da sua medialidade) representações lineares do tempo, ecoando os restantes e dando a ver as danças e as suas histórias de diferentes perspetivas. Resultado de uma pesquisa iniciada em 2016, esta é a VII edição do projeto *Para Uma Timeline a Haver – genealogias da dança como prática artística em Portugal*.